

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, PANTALEÃO PESSOA e EUGLYDES FIGUEIREDO

N.º 79

Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1920

Anno VII

PARTE EDITORIAL

7 de Setembro de 1922.
No Exército.

O quadriennio governamental vigente passará o centenario da nossa independencia.

O Congresso já começou a estudar o grande programma que definirá a exposição summaria do que fizemos nesse primeiro seculo da vida nacional e o Governo estará, certamente, preocupado com esse exame a que o Brazil vai ser submettido.

As condições relativamente felizes que nos destacam entre as nações, o interesse que, gradativamente, vamos despertando como campo propicio a empreendimentos diversos, a propaganda que a necessidade de alguns productos nossos tem feito no exterior e as attitudes que temos assumido em face dos grandes problemas que, ultimamente, sacudiram a humanidade inteira, aguçando o desejo de nos conhecer, de examinar a nossa capacidade através da nossa vida, dos nossos costumes, da variedade dos que formam o nosso povo, da nossa riqueza agrícola e industrial e do grão de assiduidade que evidenciarmos em determinados pontos.

Nenhuma occasião poderia apresentar-se mais adequada e commodada para um exame assim amplo, aquella em que nos concentraremos para apresentar demonstrações abrangendo todo o nosso trabalho, aquillo que já exploramos e o que podemos explorar, a comparação entre o que produzimos e o que produzimos, as nossas lutas, a nossa estatística, as nossas festas populares ou nacionalizadas e um sem numero de outros factos que aos olhos do politico, do economista, do critico, do industrialista, do sociologo, dizem muito, dizem syntheticamente,

formam um completo depoimento sobre o que somos e o que valemos.

Entre todas as demonstrações ha uma que influirá extraordinariamente sobre as outras, que segundo theorias recentemente confirmadas, definirá precisamente a respeitabilidade dos proprietarios destas vastas terras e lhes grangeará a imprescindivel confiança para os empreendimentos cubicados. Não é um elemento capaz de, por si, isoladamente, significar o valor de uma nação moderna, mas é uma instituição que se faz de muitas outras, e especialmente de uma das suas componentes, constitue-se posteriormente em grande defensora e realisa a sua sancção.

O elemento que se faz da ordem, da justiça, da industria, das communicações, da riqueza, da intelligencia e virilidade da raça, da igualdade de sentimentos, etc., é a *força*. A principal componente da força e que na força encontra sua sancção e augmenta toda a sua magnificencia é a *justiça*. **Justiça e força** definem perfeitamente um povo e, á vista dos seus recursos naturaes, justificam previsões completas sobre o seu futuro.

A nossa justiça escripta reúne quasi todas as bellezas que se tem formado e firmado na ordem moral. As nossas Leis, os nossos Codigos, a nossa liberrima Constituição, os direitos excepçoes de que usam os dignatarios da nossa justiça, não se furtarão a qualquer exame; elles são visiveis e palpaveis em qualquer dia e hora.

Si a pratica corresponde exactamente ao que está decretado, dil-o-ão a vontade dos nossos homens de governo e o instrumento indispensavel para que essa vontade persista através de todas as difficuldades — a *força*.

Sem o desejo de dar prioridade á força nas demonstrações que pretendamos realisar, pensamos que é necessario aproveitar a oportunidade para reafirmar os nossos puros sentimentos de fraternidade, fazendo sentir, porém, que si formos levados a abandonar esse terreno, a vontade dos nossos homens de governo,

dos representantes desses 30 milhões de brasileiros, se fará sentir através do unico instrumento com que se tem podido firmar o predomínio da moral e o imperio da civilização.

Precisamos que em 1922 o poder militar e naval do Brazil se apresente respeitavel, se manifeste real e util, se traduza praticamente em tropa prompta, navios accesos, commandos organizados, estados-maiores capazes, material depositado, meios de transporte, bases navaes, quartéis, reservas, arsenaes, etc., etc.

Tudo isso parece muito para ser realizado em tão pouco tempo, mas tudo isso, talvez, seja muito pouco diante de um homem de resolução e vontade, guardadas as proporções razoaveis, consideradas as difficeis etapas que já vencemos.

* * *

Quanto ao Exército, é indispensavel que o Estado-Maior, depois de informado das idéas e intenções do Governo, estabeleça o plano geral a ser executado nos dois annos e sete mezes que nos separam da época indicada para as demonstrações.

Como é natural, esse plano abrangerá especialmente o que é indispensavel fazer para a preparação e instrucção das tropas a serem apresentadas; o mais competirá ás autoridades administrativas e, como se trata de necessidades permanentes, já vem sendo objecto de cogitações desde longa data, podendo-se destacar os propositos manifestados pelo actual Presidente da Republica desde os primeiros dias do seu Governo.

Partes ha do problema que independem de recursos especiaes e que só podem ser executadas com tempo e trabalho.

Um dos passos que precisa ser dado immediatamente é a preparação de um numero regular de *officiaes de reserva*. Seria conveniente que em 1922 nós pudéssemos contar com 1.500 officiaes combatentes para a reserva de 1.^a linha, 1.000 officiaes para o corpo de saúde da reserva de 1.^a linha, e 1.000 officiaes de 2.^a linha, com as provas de idoneidade regulamentares, provenientes ou não da antiga Guarda Nacional.

Os numeros pôdem parecer fortes, mas são necessários e realisaveis.

Para o corpo de saúde o problema depende só do patriotismo dos nossos medicos e pharmaceuticos, chamados a acceitarem patentes gratuitas, desde que estejam dentro de um certo limite de idade e se sujeitem a pequenas provas de idoneidade.

Quanto aos veterinarios, o problema é mais difficil pela pouca diffusão desse ensino, cabendo portanto recrutar-os entre todos os diplomados,

ao mesmo tempo que incentivar a sua preparação, fazendo-lhes concessões e auxiliando as escolas já fundadas, com recursos para poderem diminuir as taxas de matricula.

Quanto aos combatentes, é preciso que o Governo facilite o ensino dos conhecimentos theoreticos exigiveis, em todos os centros onde ha elementos estudiosos, especialmente nas academias e proporcione aos candidatos, de que se precisa em numero excepcional, uma incorporação tambem excepcional, durante as férias dos estudantes, com uma instrucção pratica intensiva, bem dirigida e aproveitavel, levando em conta a incorporação a realisar-se um mez antes de 1 de Setembro de 1922.

Agindo no mesmo sentido em relação á segunda linha, se conseguirá muito.

Este problema dos **officiaes de reserva** o que requer providencias mais urgentes e, ao meditar sobre ellas, certamente, as nossas autoridades reconhecerão como delles se têm esquecido e descuidado.

A distribuição do material existente, a compra de que nos falta, a preparação e escolha de locais para uma concentração festiva, com muitas outras providencias, exigem tambem um estudo mais ou menos anticipado, pois, fóra das circunstancias prementes de uma mobilização precisaremos empregar com mais cuidado os recursos existentes e pensar em obter com elles o maximo e o melhor. Neste ponto o problema se descentralisa e com a coordenação ministerial não haverá embaraços de maior importancia.

A seguir, é preciso estudar e determinar para 1922 um periodo excepcional de **instrucção**. Um grande voluntariado de seis mezes deve ser aberto em todas as praças militares, com inscripção anticipada para que a incorporação se dê precisamente em um determinado dia, facilitando-se assim a instrucção militar a todos os cidadãos que tiverem idades comprehendidas entre 21 e 28 annos.

Aos officiaes que tomarem parte activa em todo esse periodo de instrucção, apresentando bem as suas turmas, o Governo poderá conferir uma medalha commemorativa desse serviço excepcional.

Uma substituição das cadernetas dos reservistas de 1.^a categoria deverá ser feita, bem como a locação dos de 2.^a na tropa, consignando a distribuição de uns e outros de accordo com os novos numeros e paradas das unidades; e um ensaio de mobilização será preparado para as quatro primeiras Divisões do Exército.

O effectivo do Exército para 1922 deverá ser fixado em 60.000 homens (inclusive os voluntarios de seis mezes, incorporaveis em 1

Março, o que faz prevêr que a verba votada poderá ser para 50.000 apenas), podendo o Governo chamar para um periodo excepcional de instrução durante 40 dias, 50.000 reservistas de 1.^a linha e 17.000 de 2.^a linha. Esses números não são exaggerados; antes de qualquer conjectura a seu respeito, convém pensar na pequena duração do serviço excepcional para o qual serão chamados os homens que devem estar armados em 7 de Setembro de 1922 e reter que, com tudo isso, a força permanente do Exército no anno que nos occupa, pouco excederá de 40.000 homens.

*
* *

As demonstrações militares do Centenario estarão de paradas feitas após o periodo excepcional de instrução; dellas destacar-se-ão realizáveis no Rio, em S. Paulo e no Rio Grande do Sul, nas sedes das respectivas Brigadas. Todas as outras forças que ficarem nas respectivas sedes, farão sua parada especial em praça publica, formando com toda a impedida que possuirem e com todas as outras forças auxiliares ou de 2.^a linha. Excepção feita a tropa que formar no Rio, todas as outras apresentarão em uniforme de campanha e paradas. No Rio o uniforme também será o de campanha, mas modificado pela adaptação de cores de cores vivas, variaveis com as armas; o equipamento não será dispensado. As paradas de S. Paulo, as de Brigada do Rio e as das praças militares, serão realizadas dez horas do dia 7 de Setembro; a de S. Paulo, 2.^a Divisão do Exército, uma Brigada de 2.^a linha e Forças Auxiliares do Estado, fará, em seguida, um desfile perante o Monumento da Independencia. A parada do Rio se effectuará em outro dia, de accordo com os demais festejos projectados, e com todas as outras, servirá de coroamento a grandes exercicios.

No Rio dar-se-á a concentração das 1.^a e 2.^a Divisões do Exército e uma Brigada de 2.^a linha, mobilizadas. A ellas se reunirá ainda, uma unidade composta de forças auxiliares dos Estados, sendo representados, Rio, S. Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, por um Batalhão comativo de guerra e os demais, com companhias, e de grande effectivo. Ao todo devemos apresentar em forma, como tropa instruida:

Rio:	
1. ^a Linha	42.000
2. ^a Linha	6.500
F. Auxiliar	8.200
Total	56.700

Em S. Paulo:

1. ^a Linha	21.000
2. ^a Linha	6.500
F. Auxiliar	8.000
Total	35.500

No Rio Grande do Sul:

1. ^a Linha	28.500
2. ^a Linha	1.000
F. Auxiliar	2.000
Total	31.500

e noutros Estados:

1. ^a Linha	18.500
2. ^a Linha	3.000
F. Auxiliar	5.300
Total	26.800

Sejam 150.500 homens, isto é, $1\frac{1}{2}\%$ da nossa população.

No Rio teremos o bello espectáculo de uma força de 56.700 homens e em S. Paulo veremos desfilar 35.500.

Estas duas grandes forças, completadas por esquadrilhas de aviões organisadas segundo plano já approved, devem dar a impressão do que, para o futuro, poderemos fazer pela nossa independencia.

E a despesa com esse ensaio de mobilisação será tal que aconselhe recuar deante de tão bella experiencia? Vejamos:

Soldo para praças	1.072:000\$000
Vencimentos para officiaes convocados	2.500:000\$000
Etapas	5.360:000\$000
Fardamento	4.355:000\$000
Remonta excepcional	3.000:000\$000
Transportes	1.000:000\$000
Installações e extraordinarios	1.713:000\$000
Total	19.000:000\$000

importancia que não pôde ser regateada deante do alcance moral dessa demonstração da nossa efficiencia militar e deante dos grandes ensinamentos que colheremos com as difficuldades a remover, quer no que diz respeito ao commando desses effectivos que nunca vimos, quer em relação á sua administração e ao numero de homens que passarão immediatamente para a reserva. O simples exame do contingente educado demonstrará que um anno militar assim vivido vale por tres annos communs, e como o augmento de despesa não attinge a 20% dos orçamentos adoptados, segue-se que só haverá vantagem e economia em tal demonstração militar.

Passado o centenario da nossa independencia,

saberemos que o Brasil será capaz de reunir alguns milhares de homens commandados e armados, e, especialmente, nós militares, sabemos como chamal-os, como reunil-os, como fardal-os, como armal-os, como alimentar-os e através de alguns exercicios em conjuncto, bem possíveis dentro dos 40 dias, adquiriremos um juizo melhor da sua applicação tactica.

Esta prova militar é bem modesta e talvez já encontre no espirito dos chefes e do governo um projecto mais grandioso. Si isso se dêr, crescerá o nosso contentamento, mas, no caso contrario, desejamos bastante que constitua um limite minimo das nossas demonstrações militares o que ora lembramos, dentro do programma d'«A Defeza Nacional».

A missão militar franceza no Brazil

Desde o dia 30 de Janeiro está completa entre nós «a missão», facto que torna imminente a sua entrada em acção, no terreno das realisações, e que levou ao auge a esfusiada de boatos, opiniões, receios, esperanças e conjecturas sobre a natureza dessa acção.

Felizmente a palavra do eminente chefe da missão, a menos que se queira pôr em duvida sua sinceridade, veio pôr uma ponca de agua fria nessa fervura e — o que mais deve fazer reflectir — dar uma lição de mestre aos empavonados «profiteurs de la mission», por officio «mais realistas que o rei».

Eles, porém, hão de fazer ouvidos de mercador: constituem o maior perigo para o espirito nacional intelligente e o maior risco de difficuldades e dissabores tambem para a propria missão, ou porque tentarão incansaveis attrahil-a para um partidario illicito, ou porque todo o seu talhe lhes revela o feitiço de abyssinios de amanhã, quando o Sol pender para o occaso, como é inevitavel, pois que o velho deus Chronos não larga a manivella do seu globo...

Na intenção declarada de canalisar um pouco da dita agua fria para os recantos provincianos transcrevemos um trecho de uma entrevista que o exm.^o Sr. General Gamelin concedeu ao «O Imparcial» (31. 1), e precedomal-a de uma noticia que o mesmo órgão dera dois dias antes.

«A Missão estrangeira de instrucção militar.»

«Está na terra a missão de officiaes francezes contratada pelo nosso governo para instrucção do Exercito.

Ninguém sabe porque o contrato tem sido conservado sob sigillo... Em todo caso o que tem transpirado é que o chefe da missão será assistente do nosso chefe do Estado Maior do Exercito e que o campo de acção dos instructores francezes se fará sentir em diversas escolas, que serão frequentadas por nossa officialidade.

Esta versão exclue, assim a hypothese de uma acção mais dilatada e mais directa da missão

sobre a nossa tropa. Aliás bastava reflectir um pouco para verificar logo que o ultimo processo não poderia ser applicado com efficacia, porque permittiria a interferencia directa dos officiaes estrangeiros em nossos quadros de instructores, officiaes e praças graduadas, o que, além de ser contrario ao espirito do acto do Congresso que criou a missão, poderia dar lugar a mal entendidos e difficuldades de toda ordem.

O caminho escolhido é o mais intelligente: conduzirá suave e seguramente ao aperfeiçoamento desejado.

A primeira turma de officiaes que sahir preparada das mãos da missão, terá que ir para a tropa; não lhe succederá como aos que mandavamos á Allemanha, dos quaes, de volta, só uma parte minima se recolhia aos nossos corpos, ou por culpa do governo que não tinha o plano de os aproveitar, ou por culpa delle, mesmos, que manobravam para não ir á caserna, de accordo, aliás, com a justiça da época. Por isto é que não estamos hoje mais adiados.

Os nossos regulamentos certo não darão tambem dôr de cabeça aos francezes. Não seria razoavel que quizessemos ser mais realistas que o rei, e com a simples noticia de que a missão chegou ao Rio pretendessemos jogar n'agua os nossos regulamentos para substituil-os pelos francezes, importados até na propria lingua, como chegou a ser suggerido.

O que o raciocinio desapaixonado, patriótico, constata, é que dada a prevenção existente entre a França e a Allemanha, o corpo de regulamentos de uma não era secreto para a outra, e em consequencia os principios da instrucção de ambas se equivaliam.

Agora uma questão: os nossos officiaes esto daram pelos regulamentos allemães e lhes deram a preferencia, e dos militares brasileiros opposicionistas desses regulamentos não chegamos a duzia os que conhecem os regulamentos francezes. Os outros... não são propriamente partidarios de outros regulamentos, como os francezes. Não; o partido que de facto abraça é o do... «qual! regulamentos, qual nada!»

Nessas condições, poderemos revogar de sobre a os que temos, para substituil-os «d'emblée» pelos que vieram na bagagem de porção dos instructores francezes? E' de admittir que esse novos regulamentos possam ser logo interpretados e applicados pela totalidade de nossos officiaes? Nesse caso, forçoso seria concluir que a missão era desnecessaria...

Eis um extracto da referida entrevista, publicada sob estes titulos e subtitulos suggestivos e syntheticos: «Os projectos da missão militar franceza. — Os actuaes regulamentos serão conservados. — A missão não veio desfazer, mas ampliar o que está feito — diz-nos o general Gamelin. —»

«— Antes de tudo — disse-nos S. Ex. — pretendemos cuidar da organização de escolas... Estou certo de que, dentro em pouco, poder-se-ão as signalar os resultados dos cursos theoricos, e sobretudo, das lições praticas, que serão mi-

adadas. Como sabe, escolhi e convidei para fazer parte na missão **officiaes de competência reconhecida** nos círculos militares meus e da minha absoluta confiança... Todos esforçaremos por bem servir ao paiz, zelando tambem pelo renome da escola da França.

Interrogámos S. Ex. sobre se, na reorganisa- projectada, seriam postos á margem todos regulamentos do nosso Exercito, que são adaptações dos allemães.

Não viemos desfazer o que está feito — respondeu-nos o general Gamelin. **Procuramos conservar tudo quanto ha de bom, ampliando, conforme fôr necessário. Demais, nem todos os regulamentos do Exercito brasileiro são cópias dos do allemão.** E mesmo que o fosse, isso não vinha ao caso. E' uma questão de detalhe que não tem grande importancia. Com a «verve» peculiar ao seu povo, accretou que, na guerra moderna, pouco influiu o soldado trouxesse a arma ao hombro direito ou ao esquerdo. E rematou:

A instrucção que ministraremos será relativa a problemas de maior relevancia, aprendidos durante a guerra. Havemos de ensinar a pratica nos revelou nos campos de batalha. Deter-nos-emos, principalmente nas linhas de tactica. Por outro lado, é bom frizar que temos o cuidado de respeitar as tradições, de manter os habitos dos militares brasileiros. Não alteramos a nossa norma de conducta.»

Commentando esta entrevista, disse o «Jornal Brasil» de 1. 2.:

Estão ali expressões de um alto valor moral e profissional. Na arte da guerra ha uma parte immutavel — a doutrina. Se o que existe nos regulamentos brasileiros, oriundos do allemão, é doutrina, é cousa applicavel, que não é destruida pela experiencia da grande guerra, e ha que modificar.

Não poderia fallar de outro modo o Sr. General Gamelin.

O pensador que elle é, revelado em suas conferencias — syntheses, proferidas no Club Militar, não teria a estreiteza de vistas, que o fizesse a tudo transformar, embora sem necessidade, para apagar vestigios de regulamentos allemães.»

Ver nota regulamentos militares á pag. 252.

Militares e funcionarios

A Lei de 16 de Janeiro de 1920, reguladora das licenças dos funcionarios publicos, provocou objecções da imprensa e, por intermedio d'esta, tornou-se objecto de cogitações dos militares, a principio inítenientes em não acreditar que suas disposições attingissem aos officiaes do exercito. Sua leitura attenta e mesmo a solução de consulta já publicada, dissipam todas as duvidas.

A Lei realisou uma incursão anarchisadora nos arraiaes militares e das suas intenções, no que se refere ao Exercito, não se presente nem o desejo de corrigir qualquer erro nem a necessidade de regular materia nova. Talvez se pretenda ter dado um grande passo de moral republicana, mas o que se constata é uma equiparação injusta e insustentavel.

N'essa materia de equiparação soffremos de um impeto doentio, temos idéas originalissimas que certamente se destruirão em apuros e difficuldades politicas, que não desejáramos mas que não podem deixar de surgir ameaçadoras, armadas da ignorancia, da licença, da indicação e do estímulo com que entendemos cortejar a massa ignara, exactamente a dos que carecem de educação, orientação sincera, para a felicidade collectiva.

Entretanto os grandes principios republicanos continuam á margem.

A verdadeira equidade, os interesses do povo, os seus direitos politicos, a justiça, a responsabilidade e a fraternidade que se consolida na observancia d'esses principios anteriores, minguem, degeneram, agonisam sob a faustosa capa de uma demagogia traidora e oportunista.

Não se supponha que atacamos a igualdade perante a lei. Não, nunca. E' exactamente isso que precisamos realisar e fiscalisar minuciosamente; mas a igualdade se faz de condições e circumstancias diversas, de deveres e regalias compensados, e existe em principio para o julgamento de todos.

Igualdade não é nivellamento.

A nós que tanto pugnamos para que o Exercito seja a nação armada, que tanto desejamos que o povo cuide das suas instituições militares e que nos orgulhamos de pertencer a uma classe feita de todas as camadas honestas da sociedade, não se póde attribuir um desejo de preponderancia.

O que não podemos applaudir é a mistura de cousas differentes, diversamente destinadas e de exigencias diversas, mas indispensaveis aos seus fins.

Si quizerem reunir sob principios iguaes, fogueistas da marinha mercante, advogados do fóro da capital, caixeiros de botequim e conductores de vehiculos, só conseguirão realisar uma lei cheia de humorismo. Entretanto, em todos esses grupos haverá, com certeza, elementos igualmente dignos.

Desejavamos que se abandonasse de vez essa preocupação pueril e inadequada de evitar que um se supponha melhor do que outro, se assim lhe apraz, fóra da lei.

Official do Exercito ou da Armada e funcionario publico são cousas diversas; são e serão, quer queiram ou não queiram. Em definição, o official do Exercito ou da Armada será funcionario, empregado, trabalhador ou qualquer outra cousa, — que se distingue dos funcionarios, dos trabalhadores, dos operarios, etc., tomados estes termos como designadores de classes, por estarem sujeitos a leis especiaes, leis que são consequentes ás differenças profissionaes, exigencias moraes e materiaes diversas.

Sob o ponto de vista moral poderíamos reunir algumas classes; os medicos, os militares, os machinistas de estrada de ferro, os aviadores, etc.; mas as exigencias diferentes para o exercicio de cada profissão e o pouco interesse que um tal grupamento desperta, afastam essa preocupação.

A differença que nos occupa e que não discutimos si é para melhor ou para peor, está firmada na nossa legislação, discutida, esmiuçada, e vem resistindo a diversos regimens, mais ou menos democraticos.

Como firmou o Egregio Supremo Tribunal Federal em accordam de 1907, «a qualificação *funcionarios publicos*, empregada tambem no dispositivo constitucional, *não abrange os militares*, como é corrente em direito administrativo» e essa differença foi objecto de largo estudo na Constituinte.

Depois, é o interesse do paiz que está em jogo.

O caso, por exemplo, da perda total dos vencimentos após 24 mezes de licença para tratamento de saude, desenvolverá bastante o instincto de conservação e fará o official pensar quatro vezes antes de cumprir o seu dever n'uma emergencia decisiva.

E os sargentos, e os graduados, e os soldados, a que serão equiparados? A empregados publicos?

Si as differenças dependerem só de ter alguma responsabilidade...

E' verdade que a cegueira de interesses faz adeptos para a confusão, pelo bem que podem usufruir, assim como é doloroso lembrar que um ministro da guerra, general do Exercito, baixou um aviso *revogando* a citada opinião do Su-

premo Tribunal, isto é, estabelecendo que os officiaes eram funcionarios publicos...

Esses casos, é preferivel deixal-os entregues ao julgamento do tempo.

Commandante de corpo e chefe de repartição — lepra, tuberculose, molestia contagiosa ou ferimento e molestia adquirida em serviço — ordenado e soldo — aposentadoria e reforma — são cousas tão distinctas como *funcionarios publicos* e *officiaes do Exercito e da Armada*.

Não é só a nossa opinião, é o juizo dos que officialmente são competentes.

Commandante de Regimento que transmite sua vontade a 3,000 homens conscientes e fal-os arriscar a vida, differe um pouco de chefe de repartição; confundir sarna com ferimento em combate para effeito de assistencia pelo Estado é pouco justo; retribuir igualmente risco de vida e inamovibilidade commoda é iniquo.

Positivamente, a lei de licenças não satisfaz e deve ser revogada por interesse do paiz.

A proposito da cauda

De certo, o problema da formação do nosso corpo de officiaes não está resolvido ainda, nem na sua fonte primordial — a Escola Militar, nem no systema de promoções — a garantia permanente de sua efficiencia.

E' justo, porém, se reconheça que vamos progressivamente melhorando idéas a respeito e que, salvo pequenas e extemporaneas intervenções do Congresso, em artigos de regulamentos e em detalhes de mera administração, o Exercito tem encontrado presentemente o maior desvello nos altos poderes, animados a enfrentarem com coragem e decisão materia de tanta relevancia.

Respeito ás promoções, ficou o governo autorisado pelo art. 10 da lei de fixação de forças a nomear uma comissão para elaborar um projecto que deverá servir de base á deliberação definitiva do Congresso.

E pelo art. 12 procurou sanar o Legislativo uma das maiores incongruencias da lei actual, embora, segundo opinião que corre, a medida proposta seja outra incongruencia, sob o aspecto juridico.

Que principios defenderá a futura lei, não podemos prevêr, dado que preliminarmente não sabemos que criterio constituirá a comissão.

O assumpto, entretanto, tem sido bastante ventilado nas paginas desta revista, como em outras, e é problema já bem estudado em paizes de organização semelhante á nossa, notadamente a Republica Argentina.

Uma idéa parece dominante: é que *promoção* não deve significar *paga* de serviços prestados, mas o reconhecimento da aptidão do official a desempenhar a função do posto a que ascende.

Nem sempre, realmente, «official cheio de ser-

os» traduz uma personalidade á altura de se var a posto superior, admitindo mesmo não a simples euphemismo tão digno titulo de rias.

Semelhante criterio têm provado á sociedade não erroneo e desastroso é, e acreditamos ter em geral presidido ás promoções inspiradas em justiça, porque, de facto, não possuiu governo outro meio para galardoar quem serviços valiosos por vezes não somente se tilizou como arrastou ao sacrificio a sua propria familia.

Detido estudo certamente merece assumpto de tanta magnitude para o nosso Exercito, por o que nessa falta de entusiasmo que ora se serva em seu seio, não pequena participação a ausencia de uma boa lei de accesso.

Mais do que outra qualquer carreira, a militar exige da parte de seus membros uma permanente e intensa manifestação de esforços, ininterrupto estudo e renovado espirito combativo. Consagrar esses esforços, afastando o arbitrio e o aleatorio na escolha dos candidatos á promoção, parece-nos uma formula pratica e conveniente.

Deus nos livre que se não reconheça a sua equibilidade...

Para a Escola Militar, melhor foi a lei da despeza do que a de Fixação de Forças na servenção e no desvirtuamento de alguns artigos regulamentares.

Não podemos, por exemplo, applaudir a lei concedendo dispensa do estagio de tres meses aos alumnos do Collegio Pedro II e dos abelecimentos de ensino fiscalizados e equipados, não apenas por ser uma excepção aberta a estes institutos, cuja instrucção militar em da se vantagem á ministrada nos Tiros de guerra.

O R. da Escola nessa exigencia, como na de s mezes, de que trata a alinea c) do art. 44, o visa tanto o preparo do candidato na escola soldado, como, principalmente, sujeital-o a provas que permittam aos officiaes influirem na ecção dos camaradas de amanha, futuros chefes das novas gerações.

Por menos que esta disposição tenha provido de beneficio no seu primeiro anno de applicação, relativamente aos estagiarios admitidos, por isso que não só alguns officiaes, como mesmo algumas unidades, não quizeram cometrar-se do espirito que a ditou, é sabido e alguns pretendentes, esses ao *emprego* de oficial, não se dispuzeram á prova de arrenentação e arrepiaram carreira logo de início. Tambem não merece applausos a emenda concedendo uma 2.^a epoca de exames aos alumnos reprovados em algumas materias do primeiro, não propriamente pelo favor em si, pe razões que o fundamentaram.

Se não foi intuito de seu autor, fazer apologia de ignorancia — e certamente não o foi — não reprehendemos procurasse um representante dação amparar a sua emenda sob a allegação de que o R. da Escola era por demais exigente, dando em 3 1/2 o grão minimo de approvação, quando 3 era o limite inferior nas demais colas!

Como não ficaria assombrado esse respeitavel membro do Congresso se para a conquista do não de official se exigisse, como outr'ora, um curso de approvações plenas e constituído de

materias que em complexidade muito se distanciavam das que hoje são ministradas, embora pouco interessassem á profissão!...

Infelizmente, o ponto de vista em que ainda se collocam alguns congressistas, é por demais destoante das aspirações que constituem o sentir não apenas do Exercito, como de toda a Nação, pois é obvio reconhecer que a formação do quadro de officiaes não é assumpto que interesse tão somente ás classes armadas.

E' principalmente no atropelo das votações orçamentarias que mais propicio se torna o momento para a introdução de medidas que temem a luz do plenario. Essa da concessão dos exames de segunda epoca affeicou-se tanto nos corredores do Senado aos casos desparelhos dos interessados que pouco faltou para que surgisse um monstrengo, digno filhote da lei nefanda dos exames por decreto.

O sentimentalismo dos representantes da Nação, porém, não é só prejudicial aos jovens que, mal succedidos nos seus esforços, correm agora ao Monróe ou ao Conde dos Arcos numa attitude pouco digna, de pedintes.

Encontrando embaraços numa sua pretensão junto a uma dependencia do Ministerio da Guerra, teve um moço candidato esta phrase tão expontanea quanto caracteristica:

«Dou-me com um senador, arranjarei então uma emenda...»

Sem o querer, aquelle rebento tão altamente relacionado empanou toda a magestade do augusto cenaculo de seu illustre amigo.

Se de facto, porém, temos aspirações e se desejamos sinceramente pugnar pela dignidade da missão do official como pelo engrandecimento de nosso paiz, é preciso que abandonemos esse caracter sentimental e principal fonte de nossas transigencias.

Para a Escola Militar vivemos a reclamar elementos de escol. Não será, que o conseguiremos, á custa de caudas de orçamentos, nem com o querer transformal-a em succursal de sociedade beneficente, para ahi collocar moços pobres arrimos de familia ou elles proprios sem arrimo na vida.

De preferencia tornemo-nos mais exigentes nas condições de matricula. Seleccionados na tropa pelo criterioso juizo dos officiaes, apurados na Escola desde o exame vestibular, os futuros aspirantes, seja qual for a sua condição social, cada vez mais augmentarão as probabilidades de constituírem um selecto corpo de officiaes.

E apellem os gynecologistas do Congresso para a superstição popular: animal que nasce pela cauda é esteril.

Dilatação de quadros sem augmento de despesas

No «Diario Official» de 6 de Janeiro findo em que vem publicada a lei da despeza geral da Republica para 1920, lê-se á pag. 256 o seguinte:

«Corrigida na parte referente ao pessoal da Intendencia da Guerra, ficando o numero de 3.^{os} officiaes de 12, em

vez de 9, sem augmento de despeza, em virtude do aproveitamento de addidos, etc.»

Eis ahi uma fórmula *sui generis* de acabar com os addidos, sem augmento de despesas!

O exercito durante muitos annos teve em excesso o que hoje lhe falta: — subalternos; a pleora de alferes nas diversas armas constituiu durante muitos annos um verdadeiro pesadelo para o governo da Republica que, a despeito do dispendio de grandes sommas de energias cerebraes, só os viu desaparecer com o tempo, apesar de commoções intestinas, como a de Canudos, haverem produzido brechas formidaveis no seio do exercito.

Entretanto a formula — só agora descoberta — era facilima: bastava que o quadro de alferes tivesse soffrido uma dilatação de 400 para 1600 e picos, na infantaria bem entendido, e tudo ficaria normalisado, sem ruido, despeza ou prejuizo, em virtude do aproveitamento dos... excedentes — sem augmento de despesas.

Defrontamos assim com mais esta modalidade do já celebre ovo de Colombo!

E' admiravel!

Pensavamos ingenuamente que a transformação de despesas transitorias em permanentes importava em accrescimento de responsabilidades pecuniarias para o thesouro; suppunhamos que a despeza que o governo tinha com os empregados excedentes era em principio de caracter transitorio, embora essa transitoriedade se apresentasse ás vezes com o aspecto chronico da permanencia; certo, porém, chegaria o dia em que, por uma translação conveniente, as cousas entrariam nos eixos, como vulgarmente se diz.

Estavamos, porém, enganados: laboravamos em tamanho erro que penoso torna-se-nos confessal-o. D'aqui por diante imprimiremos meia volta ao pensamento para andarmos certos.

Sem embargo, felicitemo-nos com os addidos e com a nação inteira por ter sido encontrada na sessão legislativa de 1919 uma subita solução para o eterno problema dos excedentes, sem accrescimento de despesas para a Nação, bastando simplesmente que os quadros onde elles existirem sejam dilatados de maneira a abrange-os completamente.

Mas, enquanto isto não acontece, os senhores interessados tratem de adiantar

serviço, requerendo para que lhes seja extensiva a applicação da formula que normalisou a situação dos 3 funcionarios addidos da Intendencia da Guerra sem augmento de despeza, embora tivesse sido elevado de 9 para 12 o numero de 3 officiaes.

Não queremos absolutamente incriminar esses funcionarios: a especie de engodo é que não tem cabimento. Parcialmos que a justificativa do acto de apreciação devia ser encontrada na exigencia do serviço; na realidade esse lado da questão não foi abordado, naturalmente porque o argumento seguro em este: — **sem augmento de despesas!**.

Cap. Paulo Bastos.

O que o Exercito pode ser para a Nação

A instrucção do soldado, na Suissa, varia de 45 a 80 dias, segundo as armas; mas os homens da «élite» (exercito activo) são chamados de 2 em 2 annos, e isto durante 12 annos, a exercicios de repetição de 16 a 21 dias (os cavallarios todos os annos, por 10 dias durante um periodo de 10 annos. Depois desta 12 annos os soldados suissos passam outros 12 annos (14 na cavallaria) na landwehr (tropas de segunda linha), onde estão ainda sujeitos a periodos de exercicios de repetição de 5 dias (6 para a artilharia, engenharia), de 4 em 4 annos. A cavallaria não é convocada.

Os suissos passam, em seguida, até a idade de 50 annos, na landsturm (guarda territorial) onde podem ser convocados todos os annos a uma série de exercicios.

E' a organização actual. Ella suscitou, da parte dos proprios officiaes suissos, numerosas criticas, que demonstraram a necessidade de reorganizar o exercito da Confederação. Em um projecto que deveria ser apresentado á legislatura helvetica, é exigido que a instrucção e recrutas seja ministrada durante 70 dias para a infantaria, e 90 para a cavallaria, com curso de repetição annuaes de 11 dias (14 para as tropas de fortaleza).

As praças promptas e os graduados só tomarão parte em 7 cursos de repetição, 8 na cavallaria; os inferiores em 10 cursos (art. 110). Estes, porém, bem como as praças promptas e os soldados da 1.^a linha e da landwehr, armados de fuzil e de mosquetão, e os officiaes subalternos destas categorias de tropas, serão obrigados a fazer todos os annos, em uma sociedade de tiro, os exercicios prescriptos. Aquelles que não os fizerem, serão chamados a um curso de tiro especial, sem soldo (art. 111).

Assim, numerosas chamadas, exercicios de tiro nas sociedades subvencionadas pela Confederação, e bem assim exercicios nas outras instituições, tendo por fim o desenvolvimento das aptidões militares, e subvencionadas tambem pela Confederação (art. 116), permitirão manter e aperfeiçoar a instrucção adquirida.

Na Hollanda, a duração do tempo de ser

co activo é de 81/2 ou de 4 mezes nos corpos não montados, de 18 mezes nos corpos montados. Mas durante um periodo que expira no fim do 8.º anno de serviço, os soldados enciados indefinidamente estão submettidos a exercicios de repetição de uma duração total de 12 semanas, repartidas por tres periodos, maximum, nos corpos não montados, e dous periodos, no maximum, nos corpos montados. Passam, em seguida, 7 annos na landwehr, os milicianos, tendo terminado um periodo de primeira instrução normal, podem ser contados a 2 periodos de exercicios de repetição de 6 dias.

Na Dinamarca, os homens são incluídos durante 8 annos.

São submettidos:

1.º) A um periodo de instrução que varia nos limites seguintes:

Infantaria: 6 mezes, excepcionalmente, 2 e 14 mezes; cavallaria: 13 a 19 mezes; artilharia:

9 e 3 mezes; engenharia: 5 e 17 mezes; artilharia de costa: 12, 4, 6 e 14 mezes.

2.º) A dous exercicios de repetição, de 25 dias na infantaria e cavallaria, e um exercicio de repetição de 25 dias, nas outras armas.

Passam, em seguida, 8 annos no «reforço».

Na Noruega, os homens são conscriptos durante 6 annos. Estão submettidos:

1.º) No 1.º anno:

a) A um periodo de instrução (escola de recrutas) de 48 dias na infantaria, artilharia de campanha, artilharia de costa, e tropas de saúde; 60 dias na cavallaria; 80 na artilharia de campanha; 60 na engenharia, e 18 no trem.

b) A um segundo periodo de instrução (escola de companhia), em todas as armas, excepto no trem, immediatamente seguinte á primeira, e de uma duração de 24 dias.

2.º) Nos 5 annos seguintes:

a) exercicios de repetição de 24 dias (escola de batalhão), na razão de dous periodos na infantaria e tropas de saúde, e de 3 periodos na cavallaria, engenharia e artilharia.

Passam, em seguida, 6 annos na landwehr, e são submettidos a um periodo de exercicios de repetição de 24 dias, excepto no trem. Despois são enviados para a landsturm (4 annos). Na Suecia, os homens fazem parte do primeiro periodo de beväring, durante 8 annos.

A duração do serviço activo é de 8 mezes na infantaria, artilharia de posição, artilharia de engenharia de forte, e o trem, a saber: 150 dias (escola de recrutas) no primeiro anno, e 30 dias, nos 3 annos seguintes.

A duração do serviço é de 12 mezes para cavallaria, artilharia e engenharia de campanha, e os telegraphistas de campanha, a saber: 281 dias (escola de recrutas) no primeiro anno, e dous chamadas de 42 dias, nos dous annos seguintes.

Passam, em seguida, para 4 annos no segundo bando da beväring, sem chamada.

É bom notar que uma lei militar que conta a um paiz, não convém necessariamente a outro. Considerações geographicas, topographicas, ethnographicas, politicas, economicas e militares, devem intervir na elaboração de uma lei que responde ás necessidades de um paiz. As condições differem de um paiz a outro, e, portanto, não se poderia dizer que o que é necessário e sufficiente aqui, sel-o-á além.

Seria necessario um volume e não um capitulo sobre esta materia. Nós nos contentamos de dizer que, si a Suissa poudesse adoptar o serviço muito reduzido, é que tal lhe era permitido pelo facto (entre muitos outros) de que a configuração topographica de seu territorio torna-o eminentemente proprio a uma tactica defensiva especial, mais individualista que collectiva, e que exige como qualidade profissional dominante, o aperfeiçoamento no tiro. Ora, o tiro é uma questão de honra na Suissa, e os soldados na idade de incorporação já são antigos atiradores; continuam sempre a exercitar-se: o tiro é, para todos os habitantes, um sport particularmente amado e praticado, quer pelos velhos, quer pelos moços. Os suíços têm em alto gráo o amor á Patria e á Independencia. São energicos e pacientes. Têm a força physica e a força moral. E, entretanto, os officiaes lastimam-se de que o aperfeiçoamento inicial seja mal feito, que as tropas não sejam sufficientemente preparadas e treinadas, que não saibam servir-se do terreno, que não haja bastante communhão entre o official e sua tropa, que se não tenha tempo de aprender o emprego da ferramenta.

A Hollanda encontra-se tambem em condições muito especiaes, no ponto de vista da tactica de combate a adoptar.

Estas condições são muito differentes daquellas em que se encontra a Suissa; mas uma situação geographica e topographica regular, a par de considerações de ordem politica, conduziram os holandezes a organisarem-se, tendo em vista uma offensiva extrema, aquém dos cursos d'agua grandemente fortificados, methodo de combate que exige um maior desenvolvimento das qualidades profissionais do individuo, resultando terem menos cuidado e menos tempo para o desenvolvimento das qualidades collectivas.

O hollandez adora o seu paiz; é calmo, cheio de sangue-frio; tem todas as qualidades moraes que convém ao defensor de posições.

A Dinamarca não pode esperar, sinão uma guerra defensiva contra seu formidavel visinho do Sul. Só poderá seguir a tactica observada em 1864: defender-se atraz das linhas tão potentemente fortificadas quanto possivel, no gargalo estreito que conduz ao coração do paiz. Não haverá ali operações de campanha propriamente ditas, e o soldado dinamarquez possue tambem qualidades de ordem, de calma, de sangue-frio, que são o apanagio das raças do Norte.

Os dous povos da Peninsula Scandinava só têm a temer, por terra, uma invasão da Russia. Quando se lança um golpe de vista sobre a carta destes paizes, vê-se que a luta, unicamente defensiva, teria por theatro a região fortemente recortada do nordeste, protegida por montanhas e barrada por cursos d'agua successivos, de communicções raras e difficeis.

A situação geographica da Hollanda, da Dinamarca, da Suecia e da Noruega é tal, que estes paizes não embarcam de maneira alguma as operações de exercitos de dous paizes belligerantes visinhos; nenhum tem interesse em passar por seu territorio.

A Hollanda, por sua soberania absoluta, não está obrigada a declarar a guerra ao violador do Limburgo, em caso de ser atravessada esta

de seu territorio. Os exercitos destes paizes eriam adoptar uma tactica exclusivamente defensiva, em posições fortes, organisadas de um modo permanente. Era racional aproveitar esta circumstancia e proporcionar os meios ao fimjado. Estes meios são sufficientes? Sómente a experiencia decidirá. Mas, pôde-se dizer que os povos têm podido fazer o mesmo que os demais povos europeus.

As fortificações de seu rochedo ou de sua muralha, o modo de ser, antes de tudo, um exercito de artilharia; para um momento cujo aprofundamento deverá conservar o maior tempo possível; si já tem profundamente arraigado em seu coração o amor ao solo natal, o desejo de defender, a todo o transe; si já tem o caracter rude e tenaz que é peculiar aos povos das montanhas ou aos povos do Norte; si já tem a calma, o sangue-frio, o espirito de ordem e de methodo; si é instruido, sobrio, corajoso, — é quasi bastante para ser artilheiro, tanto que saiba obedecer. A iniciativa não lhe precisa desenvolver, pouco terá a oferecer.

O soldado proprio á guerra defensiva não se trata como «completo» como o soldado apto para fazer a «grande guerra», que comporta aliás as operações de campanha. Compreende-se perfeitamente que as «tropas de fortaleza» não se enquadram nas tropas de campanha e comendem as mais velhas classes da milicia. As tropas destinadas exclusivamente á guerra defensiva, em posições potentemente organisadas, são como as tropas de fortaleza; sua posição, seu tempo de serviço podem ser adaptados a este genero de guerra.

A Belgica é tambem um pequeno paiz, inabituado, por estar encravado, como uma cunha, entre a Alemanha e a França, separados de cada parte pela Suissa, suas montanhas, suas fortificações; pelas fortificações francezas do Reno, reforçando as defesas suizas, e pelos obstaculos accumulados sobre a linha Berlim—Paris, e Nancy.

Em 1870, sempre se evidenciou o perigo que corria a Belgica por sua situação geographica. E, agora, a situação magistosa, incalculavel, horrivel Guerra de 1914, tivemos occasião de lastimar a sorte de um paiz tão infeliz quão valoroso e forte paiz. A situação politica especial impunha-lhe o dever de defender sua neutralidade, consentida sob esta condição. Assim, o exercito belga era obrigado a enfrentar um exercito invasor; era, portanto, o exercito belga proprio tambem á grande guerra. Sua organização não podia, portanto, ser exclusivamente defensiva.

Além disso, o paiz é plano, aberto; a Suissa tem montanhas; a Hollanda, seu systema de fortificações d'agua fortificadas, de extremidades apoiadas no mar; a Dinamarca, seu istmo, a Suecia, seu istmo, seus cursos d'agua, suas montanhas. O exercito belga não tinha que sujeitar-se a uma unica combinação, elle tinha a prever as que são possíveis, e estas são numerosas. Tinha elle os movimentos rapidos, os golpes vivos, os deslocamentos subitos; espirito empenhador e de audacia; todas as qualidades permittem a rapidez. Napoleão, em 1814, coroado de exito devida unicamente á pericia militar do nucleo de elite que combinava ainda sob suas ordens; poude infligir ao inimigo perdas terriveis, choques que o desba-

ratavam, porque a força viva de seu exercito era extraordinaria, não pela grandeza da «massa», mas por sua velocidade enorme, resultante das qualidades militares dos soldados. Aos belgas não faltavam tambem estas qualidades.

2.ª Linha

De alguns annos a esta parte, o Governo cogita da organização das reservas do Exercito em caso de mobilisação.

D'esse programma faz parte integrante o Decreto 13040 de 29 de Maio de 1918, creando a 2.ª linha com fins determinados, procurando assim o melhor possível dotar o Exercito de tropa de occupação e de serviços de retaguarda.

O recrutamento das praças simples e graduadas está perfeitamente garantido com os reservistas da 1.ª linha que ultrapassam a idade de 30 annos, tendendo assim a crescer o seu numero annualmente; no entanto, com a officialidade ha de verificar-se justamente o contrario, sendo o seu numero decrescente á medida que os annos se forem succedendo.

As fontes para o recrutamento dos officiaes são: os da antiga Guarda Nacional, os ex-sargentos do Exercito que tenham tido exemplar conducta na 1.ª linha e ainda os reservistas que como aquelles se submettam aos exames exigidos pelo referido Decreto.

A dos officiaes da Guarda Nacional, estará em curto espaço de tempo litteralmente exgotada.

No primeiro anno de organização, n'esta Capital onde elles existem em maior numero, os candidatos não ultrapassaram uma centena e no anno findo em todo o paiz não lograram attingir esta cifra.

Tambem os ex-sargentos e reservistas não affluíram ás bancas examinadoras como era de esperar, pois as vantagens praticas que poderiam obter ficam por demais diminuidas com a perspectiva do enorme onus acarretado pelos uniformes.

Urge, pois, que se resolva o problema do recrutamento dos officiaes, já que possuímos as praças em tão grande numero, boa qualidade e efficiencia militar.

Parece não ser muito difficil conseguir tal desideratum com uma organização habil e pouco dispendiosa, já que não é possível importar os aperfeiçoados processos das grandes potencias.

O Brazil possui espalhadas por seu vasto territorio faculdades e escolas supe-

es onde em cursos que variam entre 6 annos se formam bachareis, médicos, engenheiros e tantos outros profissionais; assim sendo, não seria desprezível adicionar a esses cursos uma instrução militar *principalmente pratica* dada equitativamente, e ministrada em algumas semanas onde os jovens estudantes possam fazer jús a receber conjunctamente com o seu titulo a patente de 2.^a linha, seria necessario tambem não esquecer especialidades,

engenheiros para a artilharia e a infantaria; os pharmaceuticos e medicos do corpo de saude; os cursos commerciaes forneceriam os intendentes e, assim nos em curto espaço de tempo numerosa officialidade da elite social, e aqui fica a idéia de um recruta.

1-920.

Cap. Mario Leite do Carvalho.

da R. — Essa solução já foi por vezes dada em repartição competente mas, como se, para formar, inicialmente, os officiaes de reserva de 1.^a linha. E' verdade, porém, que tomados das academias que não quizerem o estagio no Exercito de 1.^a linha e fizessem aos exames necessarios podem ser usados logo officiaes de 2.^a linha, de qualquer modo o recrutamento dos officiaes de 2.^a linha ficaria bem attendido com o aproveitamento dos academicos, pois, dado que sejam recrutados para a reserva de 1.^a linha ao atingirem certa idade deverão ser usados para a 2.^a linha. E assim, fica facilmente indicada a relação, a ligação en-crecitamento dos officiaes de reserva de 1.^a linha e os necessarios á 2.^a, realçando, mais a importancia e o interesse que deve ter o problema cuja melhor solução é, naturalmente, a em que labora o Cap.

predispor: premeditar.

Premedite o commando. Não dê ordens anticipadas.

Do general von Freytag-Loringhoven.

(Trad. pelo cap. Klinger)

hum plano de operações alcança alguma certeza adiante do primeiro contacto com a força principal inimiga», sentença muito citada de Moltke no seu estudo sobre estrategia, do anno de 1871.

É sabido que Napoleão affirmou jamais ter um plano de operações.

E diz no mesmo estudo que para tudo é incerto desde o começo das operações, afóra o que o commando

em chefe tenha em si mesmo de vontade e energia; e Clausewitz define a guerra como «o dominio da incerteza». Segundo elle «não ha nenhuma actividade humana que como a guerra esteja tão constantemente e tão amplamente em contacto com o acaso». Neste dominio «dos attrictos tudo soffre pelo concurso de innumerables pequenas circumstancias, que no papel nunca podem ser devidamente levadas em conta, e não se alcança o objectivo», tanto mais quanto «o chefe na guerra tem que entregar a obra de sua actividade á collaboração de um espaço que escapa ás suas vistas, que o mais vivo zelo nem sempre pôde dominar, e com o qual raramente elle toma perfeito conhecimento, em consequência das constantes mudanças.»

De facto, todo chefe, ainda com o mais bem meditado plano estrategico ou tactico, age mais ou menos no dominio do incerto. Inumeros exemplos da historia militar, batalhas ganhas e perdidas, confirmam essa verdade. O golpe de vista de um Frederico logrou em muitos casos superar essa difficuldade, mas não lhe evitou as derrotas de Kolin e Kunersdorf. Napoleão estava batido em Marengo, não tivesse a intervenção de Desaix transmudado por fim a derrota em victoria. A dupla batalha de Jena e Auerstedt travou-se na mais completa incerteza. Eylau foi uma batalha indecisa, em todo caso para Napoleão uma victoria de Pyrrho.

Em Friedland um acaso propiciou-lhe a victoria e nos celebres dias de Regensburg elle se achava completamente na incerteza a respeito do inimigo. Identicamente passaram-se as coisas em 1866 e 1870/71.

Em Königgratz havia duvidas no quartel general prussiano se ainda se encontraria todo o exercito austriaco do norte na margem direita do Elba ou apenas uma parte. Em Spicheren a 14.^a D. I. chocou-se com um inimigo em fortissima posição defensiva, quando o suppunha em retirada, e em Vionville o III C. Ex. encontrou todo o exercito do Reno e não apenas fracções retardadas do mesmo. A operação de Le-Mans fôra planejada pelo principe Frederico Carlos como um ataque concentrico, pelo afastamento das duas alas; ao em vez, foi preciso depois alliviar essas alas carregando fortemente no centro.

Em Liaoyan os japonezes venceram

porque seu exercito da ala direita tomara a iniciativa de um contornamento, lançada com a idéia de perseguição lateral na supposição errada de que os russos tivessem começado a retirada.

Sendo assim evidente que no elemento incerto, vario, da guerra toda disposição tomada antecipadamente falhará, surge ao mesmo tempo a duvida se não é tambem descabida na guerra qualquer premeditação. Esta duvida porém deve ser incondicionalmente recusada, pois os mesmos mestres que nos assignalam a incerteza que se apresenta aos planos na guerra, accentuam decididamente a necessidade de pensar adiantadamente, premeditar. Taes reflexões, bem applicadas, são o melhor preventivo contra a tomada inoportuna de disposições antecipadas, e facilitam, por já estarem mentalmente discutidas as diversas possibilidades, agir immediatamente com acerto no momento dado. Assim disse Napoleão: «E' meu habito reflectir com tres ou quatro mezes de antecedencia sobre as medidas que hei de tomar, e n'essa meditação conto com a peor hypothese».

Moltke accentua o contraste que vae entre as disposições para a primeira concentração do exercito e a execução das operações «onde se nos oppõe a vontade independente do adversario». E si o marechal affirma que não se podem preestabelecer com certeza até longe os caminhos pelos quaes o commando pretenda alcançar seus grandes objectivos, todavia elle prepõe a isso a necessidade de conservar o commando sempre em vista esses grandes objectivos, sem se deixar desviar pelas vicissitudes dos acontecimentos.

Tentar preestabelecer até longe os caminhos para alcançar o objectivo é pre-dispôr. Mas manter em vista o objectivo, sem embargo das vicissitudes dos acontecimentos só se consegue tendo logicamente premeditado sobre as possibilidades.

A antiga escola estrategica suplantada pela napoleonica tinha o vêsdo das predisposições. Os planos de operações das diversas coalisões contra a primeira república franceza e o imperio consideravam systematicamente inexistente a vontade livre do adversario e traçavam figurações que anticipavam os acontecimentos. Discute-se o processo a empregar para penetrar na França muito antes dos exercitos francezes serem expulsos da Allemanha e

da Italia. O archiduque Carlos planeja no começo da campanha de 1809 reunir em Altmühl, na Baviera, as suas tropas procedentes da Bohemia e do Inn, mas esquece a necessidade mais proxima de atacar e bater o inimigo enquanto separado. O duque de Brunswick planeja em 1805 amplas manobras, cuja impressão acredita elle, forçará Napoleão a retirar-se para além do Rheno; entretanto a «grande armée» victoriosa estava em pleno coração da Austria. Mesmo os planos de Scharnhorst anteriores a 1806 mal se distinguem d'esse methodo de guerra vetusta.

Mas de nenhum modo desapareceu o perigo de assim se proceder depois que surgiu Napoleão. O plano de operações projectado pelo archiduque Albrecht para o caso de uma acção conjuncta dos exercitos francez e austriaco contra a Confederação da Allemanha do Norte, dirigido pela Prussia, dispunha sobre uma reunião dos dois exercitos na região de Nürnberg e d'ahi o avanço d'essa massa cerrada pelo Saale abaixo, como fez Napoleão em 1806. Esse objectivo é visado com uma certeza tal que excluia a possibilidade de qualquer perturbação do plano da entrada dos francezes no Sul da Allemanha por alguma acção no Rheno ou no Mein inferior.

Tambem os russos na Mandchuria não se livraram de erros identicos, pois recuo systematico de Kuropatkin com intenção de parar quando attingisse a superioridade absoluta, é um erro d'essa especie; d'ahi resultou o cerceamento da acção dos subchefes e o não aproveitamento de momentos favoraveis que appareceram. E, mais tarde, n'uma memoria de 15-1904, o general russo fala de passar depois á offensiva, expulsar totalmente o inimigo do continente e até effectuar desembarque no Japão, o que lembra singularmente os projectos dos generaes da coalisão contra a França, nos quaes estabelecia a distribuição da pelle do urso antes de estar este apanhado.

O traçado dos mais bem succedidos planos de campanha de Napoleão, de 1805 e 1806, deixa abertas, como nos planos de Moltke, diversas possibilidades. A todos estes grandes capitães succedeu varias vezes que finalmente se apresentassem casos não previstos, seja em consequencia de contratempos no proprio exercito, seja porque houvessem contado com resoluções razoaveis do inimigo ao passo o

ste de facto tomava as mais insensatas. O brilhante resultado obtido não obstante era todavia a consequencia das intenções claras, precisas e da execução convencida, condições estas que, sem embargo de todos os incidentes, se faziam sentir até nas menores acções de combate.

Davout não vacillou em Regensburg, segundo o espirito do conjuncto da situação, em atacar a força principal muito superior do archiduque Carlos, se bem que o imperador erroneamente a supposse em plena retirada.

Alvensleben escreveu sobre a crise de 6 de Agosto de 1870: «Como já no dia 5, novamente se me desenhou deante os olhos com toda a clareza a figura strategica da campanha, e a certeza de que a situação justificava que eu lançasse meu corpo de exercito... Eu sabia que para o effeito da retirada franceza era indifferente que esse objectivo fosse atingido duas legoas mais adiante ou mais atraz e que além d'isso eu a cada passo á retaguarda ganharia em tempo e em forças o que o inimigo perdia.

Assim, examinado mais de perto, o lançamento não era demasiado ousado ou perigoso. Teria sido muito, muitissimo doloroso abandonar o campo de batalha o inimigo com os nossos feridos, mas isso não teria tido nenhuma influencia sobre o objecto da missão do dia... Não importava que Bazaine me batesse, diz Alvensleben «havia de custar-lhe vêr-se livre de mim. Caso eu não fosse secundado, eu retiraria sobre Verdum pela estrada conquistada, e contava então que o X Corpo tomasse posição á minha direita, para cobrir minha retirada».

D'essas palavras de Alvensleben, que stereotypam a sua conducta n'aquelle dia memoravel, se reconhece todo o valor da acertada premeditação. Graças a ella foi sanado o erro que resultára da opinião preconcebida no 2.º Exercito, em virtude da qual a massa d'esse exercito fôra posta em marcha contra o Maas; essa marcha equivalia a uma predisposição, por mais que fosse explicavel não se contar mais com a presença de grandes forças inimigas em Metz, e se quizesse então antes que tudo cortal-o no Maas.

Uma semelhante opinião preconcebida houve entre os alliados no inicio da campanha de 1813. Era crença geral de que em consequencia de haver a Austria adherido á coalisção e da resultante

ameaça para a base napoleonica do Elba, o imperador não pudesse manter-se por mais tempo na margem direita d'este rio. D'ahi resultou que o exercito da Silesia tomou predisposições. Na noite de 18 de Agosto os francezes abandonaram a linha mais avançada de seus estacionamentos no Katzbach para se concentrarem atraz do Bober, reduzindo convenientemente os estacionamentos em que se haviam espraado durante o armistício. A' noticia da retirada do inimigo de Liegnitz e de Goldberg, sem cuidar de verificar se elle tambem havia retirado mais ao Sul, o quartel-general em Jauer baixou ao meio-dia de 18 uma ordem de perseguição, que apesar de só haver informações até ao Katzbach, tomava disposições que iam além do Bober, até ao Queis. Mesmo no caso de se confirmar a retirada do inimigo em toda a linha, taes predisposições encerravam grande perigo.

Tomar predisposições para diversos dias em relação a um inimigo não abalado e pretender a progressão uniforme das columnas prefixando-lhes as horas de partida diarias, como ahi se fez, em lugar de assignalar os objectivos de marcha diarios, é inadmissivel e larga de mão a direcção do conjuncto. A ordem de perseguição foi destruida pelos acontecimentos no mesmo dia da emissão.

Gneisenau como os demais generaes dos alliados ainda não possuia então a pratica do commando de um grande exercito, necessariamente dividido para marchar e estacionar. As suas providencias do dia 18 deixam ver claramente os prejuizos de semelhantes predisposições pelo inimigo a dentro. A consequencia tinha que ser duvidas e desordens, pois os corpos de exercito depararam com uma situação toda differente da supposta pela ordem do commando superior. Não podiam por isso ser sopitadas nos sub-chefes o má humor e a critica maldosa. O mesmo succederá em toda parte em casos identicos. Reconhece-se assim quão cuidadosamente devem ser meditadas as medidas para marcha e estacionamento, como as immediatamente precedentes ao combate, sob pena de resultarem predisposições. Os nossos exercicios de paz, mesmo os maiores, não chegam a deixar em geral revelar-se em todo o seu alcance a desvantagem de semelhante erro. Especialmente a prematura decomposição das columnas de marcha não é sempre castigada na

mesma medida que succederia na guerra, entre outros motivos porque o effectivo e as medidas do inimigo não ficam ignorados tanto como no caso real.

Demais não é só a educação pacifica das manobras que produz facilmente illusões n'esse sentido, são tambem certas theorias que facilmente se arraigam nas longas epochas de paz, em geral, fundadas em consequencias erradas deduzidas das lições da historia militar. D'esse genero é a opinião da infallibilidade de determinado «processo de operações» como o que se quiz attribuir a Moltke. Os partidarios d'essa opinião não viam que assim apoucavam Moltke, pois este rico espirito não applicava um determinado processo de operações, senão que dispunha de muitos, conforme as situações de guerra que tivesse que dominar.

Se elle considerava a reunião de forças separadas no proprio campo de batalha como o mais alto merito na estrategia, comtudo elle expressamente prevenia que não se generalisasse, sem mais, o exemplo de Königgratz. E nunca lhe passou pela idéia que a separação indicada e necessaria para os exercitos de um grande grupo se applicasse aos corpos de exercito e ás divisões ou unidades menores. Quem quizesse em taes casos applicar systematicamente a marcha separada, incidiria na grande maioria dos casos em predisposições. Trata-se de não perder de vista a idéia de aniquillar o inimigo. Isso só se pôde conseguir plenamente pelo envolvimento, mas o meio de realisalo ha de variar em cada caso. Antes de tudo porém é preciso vêr que ha differenças no commando de grandes massas ou de divisões, que não podem ser desprezadas. As nossas pequenas manobras encerram o perigo de se desconhecer tal differença, principalmente pela preferencia dada ao combate de encontro. E' errado tomar essa especie de combate como modelo; esse «processo de encontro» como qualquer outro applicado systematicamente, não se justifica na guerra, como nenhum processo preconcebido de acção.

De semelhantes modelos architectados theoricamente diz Clausewitz: «Quem quizer haver-se em um elemento como a guerra nada deve trazer dos livros senão a educação do espirito; trazendo idéias promptas, não suggeridas pelo choque do momento, não nascidas da sua

propria carne e sangue, a corrente de acontecimentos derrubará a construcção ainda antes de concluida.»

«Idéias promptas» já de si significam predisposição; si porém pelo estudo desenvolvemos a «educação do espirito» seremos levados áquella premeditação que nos deixa encarar confiadamente, inesperado, mesmo as extremas difficuldades.

E quem pretender tirar do livro de historia militar, portanto das lições do passado, em vez de incitamento e illustração, regras sempiternas, generalizando os exemplos do passado, facilmente terá o dissabor de vêr que «a corrente dos acontecimentos lhe derruba a construcção ainda antes de concluida» e reconhecer que incidiu no erro de predispor.

Entre outros, o principe Frederico Carlos tambem caiu no erro de tal applicação de seus conhecimentos. E' preciso reconhecer como prova do infatigavel estudo do principe o facto d'elle tomar para uso pessoal numerosas notas dos livros scientifico-militares. Mas o que é censuravel é que elle dêsse ao conjunto de uma parte d'essas o titulo de «notas para a campanha». Isso traduz que elle procurava na historia militar não apenas incitamento mas imitação, e sua conducta como cdte. de exercito no começo da campanha de 1866 revelou traços d'essa tendencia.

Os modelos napoleonicos — como o proporcionava a investigação historica da epocha, isto é, nem sempre exacta — levaram-n'o a uma exagerada condensação do exercito. Applicando ao inimigo o estabelecimento das supposições que elle mesmo formulava por via theorica, quasi sempre chegava a conclusões erroneas sobre o adversario.

Se a historia militar é imprescindivel para a educação do nosso espirito, ella por outro lado nada proporciona áquelles que a rebaixam á categoria de collectanea de exemplos. Estes nada conseguirão no sentido de descobrir os moveis dos capitães do passado assim conquistando maior liberdade intellectual, pois a nossa profissão exige o trabalho livre artistico, não a imitação servil. Por isso tambem os themas de exercicios que em lugar de buscarem apenas inspiração em exemplos historicos procuram agarrar-se ao proprio exemplo, são sempre rebuscados e muito menos fructiferos do que

que se baseiam em situações imaginárias.

Como no dominio strategico para o commando de exercitos em ponto grande, assim são perniciosos no dominio tactico para os commandos parciaes, os principios dos tempos como validos para todos os tempos. O veso das predisposições que era corrente nos exercitos das coalisões contra a primeira republica franceza e contra a poleão também se transmittia directamente á tactica. Nas manobras da paz da época postfredericiana todos os momentos eram preestabelecidos em detalhe; taes exercicios não podiam pois constituir verdadeiro treinamento para a guerra; antes de prevêr que os generaes trabalhados com semelhante tactica de revista tinham de fracassar diante dos inesperados, que a guerra sempre traz, como aliás em tactica todo schema equivale a predisposição, pois elle conta com um inimigo passivo, afinal sem vontade.

O schema paralysa a energia intellectual e desenvolve a inercia innata no homem.

Quanto, ao contrario, é necessario na guerra a premeditação se conclue de um tempo do que se passa atraz do exercito. Ordens relativas a tudo quanto segue as tropas combatentes nas linhas de comunicações estão em estreita relação com as operações. São precisas as mais metódicas reflexões não só para regular as operações de supprimento, como principalmente para adaptal-as ás operações em circumstancias muitas vezes rapidamente mudadas. Tanto que já Frederico dizia não era elle quem commandava o exercito: eram o trigo e a forragem. Hoje se accrescentar sem temor de errar: a munição.

Nessa materia é imprescindivel premeditar, prevêr ao longe. O olhar do commando e de seus órgãos deve abranger por igual as circumstancias na frente de batalha e atraz d'ella; elle não se por causa do hoje descuidar do amanhã, do depois d'amanhã e mais além.

A guerra exige de nós uma meditação exacta e penetrante de cada situação. Esse trabalho não deve haver lacuna. A theoria de que «a coisa ha de ir» nós deve avassalar. Póde-se com ella uma vez ter sorte, mas não ha de ser sorte do capaz e activo» que, como diz Burke, é a unica sorte duravel.

O Estudo de Balística na Escola Militar

A Escola Militar tem tido ultimamente, quasi um regulamento por anno. Nem bem se experimentou um, já outro está em elaboração. E, como nessas transformações todas se legisla, ás vezes, sobre assumptos dos quaes apenas se tem noticias, nunca se ouvindo a opinião dos que se dedicam aos estudos correspondentes, tem resultado de tudo isso uma innominavel confusão que me não cabe aqui analysar senão no que concerne ás minhas limitadas responsabilidades no ensino da materia que lecciono.

Actualmente o regulamento divide o estudo da *Balística* em duas aulas: *Balística Elementar* e *Balística Elementar em Geral*. Parece-me que isto deve ser corrigido.

A *Balística*, quanto ao seu fim, é uma só. Quanto aos methodos que emprega porém se divide em

- 1.º — *Curso de tiro*.
- 2.º — *Balística Elementar*, (Experimental, Empirica).
- 3.º — *Balística Geral*, (Racional, Transcendente).

Curso de tiro é a sciencia dos sargentos e monitores, dos officiaes da reserva. *Balística Elementar* é a sciencia do official effectivo e instructor. *Balística Geral* é a sciencia do technico.

O *Curso de tiro* trata da preparação, execução e efficacia dos fogos, quer do fusil e metralhadora (Curso de tiro para a infantaria e cavallaria), quer do canhão (Curso de tiro para a artilharia). É uma mera elucidação dos regulamentos de tiro e compete aos instructores respectivos.

A *Balística Elementar* estuda os movimentos dos projectis peculiares a cada arma: resolve o problema em especie portanto. Assim ha a *Balística Elementar* das armas de tiro tenso (fusil, metralhadora e canhão de campanha) e das armas de tiro curvo e de pequeno alcance (obuseiros de campanha). Não vae além. E, para essas armas é ainda hoje preconizada pelo Cranz (pag. 83 da «Encyclopedie des Mathematiques» Leipzig, 1914), e deve ser dada pelos methodos elementares.

Esta *Balística*, a *Elementar*, muito mais conhecida pelas denominações de experimental ou empirica, é a que deve ser dada na Escola Militar, estudada no curso fundamental, por todos os alumnos e em

um anno lectivo completo de estudos. O conhecimento da *Balistica Elementar* facilita, digamos mesmo, dispensa o *Curso de tiro* para o official que a conhece bem.

A *Balistica Geral*, racional ou transcendente, sciencia moderna, sem exagero, difficilima, exigindo o conhecimento perfeito da alta mathematica, ao contrario da *Elementar*, resolve o problema balistico de um modo absolutamente geral, isto é, sem attender á especie de arma á qual se destina, igualmente applicavel ao fusil, como á metralhadora, como aos canhões de tiro tenso ou curvo e de pequeno alcance, como aos de longuissimo alcance quando se faz mister uma pontaria geographica e as correccões indispensaveis, não só relativas á variação da densidade do ar com as altitudes, como também as relativas aos movimentos de translação e rotação da terra e quicá a derivação da gravidade com as latitudes.

E a *Balistica* dos technicos, dos calculistas das fabricas de armamento, dos polygonos de tiros e experiencias. O seu lugar é portanto na escola technica de Art. e Eng. se nós viermos a possuil-a.

Resumindo: o *Curso de tiro*, a *Balistica Elementar*, a *Balistica Geral* estão entre si como a *Geometria Pratica*, a *Elementar*, e a *Geral* ou *Analytica*. Esta comparação se me affigura perfeita.

Cap. Sebastião Fontes,
Prof. da E. Militar.

N. da R. — A genese desse descuido talvez esteja nos especialistas ou, pelo menos, na sua acção collectiva. Felizmente o caso que estuda o nosso distincto articulista não dá lugar a erro de palmo porque o professor intelligente e probo lera também no espirito e nas explicações do regulamento. *Balistica elementar*, em geral — deve significar uma preocupação de clareza na denominação, para evitar que se pretendesse considerar só o caso das armas portateis como nos consta que já se fez com a simples designação «*Balistica Elementar*».

O caso merece correção, mas á *qualquer chosa*...

Subsidio ao R. E. E.

Ainda sobre este assumpto, isto é, relativamente ao primeiro artigo sob este titulo publicado no nosso n. 74/75, recebemos de Paris uma delicada carta do nosso camarada capitão Ildefonso Escobar. Deixamos de publical-a porque já no n. passado o Sr. 1.º tenente Pamphiro explicou sem reservas o lamentavel incidente.

EPITAPHIO

Em fins de Dezembro de 1917, quando mal acceso estava o ardor bellico brasileiro, tomamos passagem a bordo do «Javary», rumo do péqueno, mas valoroso Estado de Sergipe, para colaborar na organização do 41º B. C., que teve como primeiro e unico commandante esse soldado de fina tempera que é Gil Antonio Dias de Almeida.

A lufa-lufa começou a 3 de Janeiro e a partir desse dia memoravel para nós — do repouso só se viu a sombra no antigo quartel do 3º Batalhão de Infantaria. E' que o commandante estava altamente compenetrado da sua delicada missão e como se lhe afigurasse desde logo a imprescindivel necessidade de um quartel, tratou incontinenti de transformar o vetusto casarão de paredes extraordinariamente solidas, cuja cobertura ameaçava ruir, numa caserna digna de receber a flôr da mocidade sergipana (e porque não da mocidade brasileira!), avulso de instrução militar. E se assim pensou, melhor agiu.

Como poucos fossem os recursos que lhe haviam sido fornecidos, multiplicou os meios para obter os que lhe eram necessarios e os conseguiu dignamente, de sorte que, no fim de algum tempo, estava esse proprio do Ministerio da Guerra com a sua área triplicada e dotada de magnifica cosinha, de um pavilhão para recheo, claro e com dimensões sufficientes para receber um B. C. completo; de banheiros com agua em profusão, como requerem aliás as condições climaticas da zona; de baias para todos os animaes da unidade; de W. C., galpões para viaturas e uma confortavel enfermaria regimetal, installada num elegante pavilhão ao fundo do quartel nos terrenos que reivindicou pelos meios legais.

Graças ainda á operosidade desse distincto soldado, foi a fachada principal do quartel, dotada de um andar superior, onde deveriam ficar magnificamente installados o commando, a secretaria, a ajudancia, etc., sem muito licito crer ante essa realidade absoluta, que, para coroamento do plano ideado nos primeiros dias de Janeiro do anno de 1918, esse espaço de tempo muito restricto, os flancos do mesmo quartel se elevariam, como a fachada principal, de modo a permittir que os sergipanos dissessem para ser ouvidos por quem se interessasse:

— O Norte possui em Aracaju um quartel para receber condignamente um batalhão de cadetes.

Mas a acção do commando do 41º B. C. não se exerceu sómente nesse sentido: paulatinamente e com o mesmo ardor tratou de obter e conseguiu o material necessario á unidade quando nada para o seu effectivo de occasião.

Não falaremos na parte relativa á instrução porque se esta, no pensar de Lewal, póde em grande parte ser aferida pelo gráo de disciplina da tropa, encarada do ponto de vista elevado o Exército não entraria em decadencia por culpa do 41º B. C.

Sem embargo diremos que o exame de reccas do anno passado, cercado de estranha solidão, deixou a sociedade sergipense abysmada ante as provas cabaes de aproveitamento dos seus filhos no curto espaço de 12 semanas.

Mas o successo do 41º B. C. teve lugar quando em principios de 1919 recebeu ordem de embarcar com a maxima presteza em estrada de ferro para o interior da Bahia, onde deveria juntar-se ás unidades componentes do destacamento mandado para os sertões de Goyaz, afim de restabelecer a ordem lá alterada. Apesar de ser um domingo, a composição do trem foi logo feita e o material embarcado, bem como o pessoal dessa ephemera unidade, no curto espaço de 2 horas!

E tudo isto sem rumor, lamentação, temor ou retardamento!

O commandante e demais officiaes sentiram-se honrados e ao mesmo passo recompensados com o procedimento desses patriotas anonymos.

Valeu semelhante conducta do 41º B. C. a alcunha que, num momento de rara felicidade, lhe foi conferida pelo Sr. General J. E. Ramalho, então commandante da 3ª Região Militar.

Batalhão electrico!

— Por isto mesmo que foste electrico, oh! 41º B. C., viveste muito, muitissimo em tão curto espaço de tempo...

E agora, porque estejas extincto, envio — embora de longe — ao ex. commandante do 41º B. C. um forte aperto de mão acompanhado do abalo que todos sentimos quando atingidos inesperada, inopinadamente, por um desses golpes que põem em dolorosa vibração todo o nosso ser.

Capitão *Paulo Bastos.*

O official de subsistencias

Emprego do carro-viveres e do carro-forragem

Ao official de subsistencia compete cuidar que os c-viveres e c-forragem levem a carga regulamentar. O peso util que é de 1100 kg. e 1250, respectivamente, ao sair da guarnição, deve ser reduzido durante as operações a 500 e 1000 kg, respectivamente. No minimo os carros devem levar:

o de viveres — uma ração para um dia, por homem, inclusive pão, tres dias de ração de chá, uma ração de grão para os cavallos de infantaria, uma 2ª ração de reserva para a cav., material de carnação;

o de forragem — uma ração de grão.

Por principio não se transporta feno.

E' admissivel augmentar a carga do c-viveres, até mais uma ração de bocca, e será quasi sempre recommendavel desde que as condições das estradas e a grandeza das etapas de marcha não se opponham. A segunda ração de carne pôde ser levada em gado em pé, e em vez de pão pôde ir farinha de trigo. E' o cdte. da respectiva tropa quem decide. Em todo caso o official de subsistencia deve cuidar que vá uma ração completa de pão.

O emprego dos c-v. na tropa que não tem cozinhas é differente do que se faz naquella que as tem. Para esta a carga dos c-viveres representa uma reserva das v.-c., para a outra esta carga é a que se destina á alimentação corrente do dia.

O supprimento dos c-viveres e c-forragem deve ter lugar em primeira linha com os recursos do theatro da guerra; caso isto seja impossivel, o reabastecimento se faz, por ordem do cdte. do exercito ou do da divisão, com os recursos dos comboios administrativos

ou dos armazens de campanha que se achem ao alcance da tropa. Este ultimo processo será quasi sempre applicavel em paralysação das operações ou deante de praças fortes. Na guerra de movimento são os comboios os orgãos de ligação entre os armazens e as tropas. Na medida das necessidades a autoridade competente faz avançar as columnas de subsistencias e comboios auxiliares até á zona de estacionamento da tropa, em pontos apropriados, onde se faz ou a baldeação directa para os c-viveres ou a descarga e armazenamento transitorio até a entrega á tropa.

O official de subsistencias regula o trafego dos c-viveres e c-forragem entre a tropa e o armazem ou ponto de recebimento dos comboios. Eventualmente elle conduz em pessoa as columnas de carros vasilos, auxilia no ponto de recebimento os funcionarios do armazem, fiscalisa o seu pessoal durante o recebimento e reconduz pessoalmente á tropa, a columna carregada. Se os carros de um regimento marcham juntos, de modo que possa a sua condução ser confiada ao cdte. do trem de estac., os officiaes de subsistencia podem adiantar-se para o lugar de recebimento e (na volta) para a tropa, afim de tomarem outras providencias.

Os carros de viveres e de forragem quando vasilos podem ser utilizados para transporte de feridos. Para isto é porém necessaria a authorisação do respectivo cdte. da tropa, o qual só a concederá quando isso não prejudicar o serviço de reabastecimento de subsistencias.

Emprego dos carros-cantinas

A compra e a venda, a administração dos carros-cantinas correm por conta da unidade de tropa.

O supprimento durante as operações não deve ser feito mediante requisição, mas por compra directa. Occorrerão, porém, casos em que só uma ordem superior de requisição resolverá o problema; mas o pagamento será feito á vista. Em qualquer caso é necessario que o official de subsistencias dirija as compras, as vendas, a guarda dos artigos, e a escripturação. Onde assim não se fizer, e com toda a meticulosidade, a cantina será fatalmente uma fonte de irregularidades e indisciplina.

Desde que a tropa se ache em regiões onde seja impossivel obter supprimento local, o carro-cantina passa a ser reabastecido como os outros carros-viveres.

As intendencias de etapas fazem estabelecer nos pontos principais de etapas ou nos armazens de campanha mais proximos das tropas, estações de venda de artigos proprios para as cantinas; ali ellas se reabastecem. Podem tambem as mesmas autoridades conceder a negociantes acreditados a faculdade de effectuarem essas vendas ás cantinas, submettendo seus preços á censura do intendente da etapa. Estas providencias, já se vê, só têm valor quando taes estações de venda fiquem tão perto da tropa que as cantinas possam fazer a viagem de ida e volta. Isso será raro. Por este motivo é de regra fazer-se o supprimento na guerra de movimento, através do serviço de etapas. Os funcionarios do armazem onde os generos de cantina são postos á disposição fazem então a venda ás cantinas; o preço não é augmentado de custas de transporte.

No transporte dos generos de cantina a par-
da ultima estação de estrada de ferro até
estação de venda não pôde ser feito pelos
regulamentares dos comboios administra-
dos, pois, nenhum destes é dispensavel desde
se esteja em zona onde não haja mais sup-
mento com recursos locais.

Emprego das rações de reserva

Antes do inicio das operações todas as uni-
des de tropa devem mandar verificar se exis-
tão completas as rações de reserva, de vive-
re e de forragem.

o official de subsistencias compete fazer
a verificação, de vez em quando, durante
as operações. Para o que faltar elle provi-
cia junto á intendencia.

Cumpra-se tambem tratar de effectuar uma
distribuição equitativa entre as companhias, etc.,
caso em que uma parte dellas tenha tido
de consumir a ração de reserva.

O R. S. C. contém prescripções sobre o em-
plo das rações de reserva. (*)

Quando é preciso lançar mão de ração de
serva convem, nas tropas que dispõem de
cozinha, empregar primeiramente a que esta
na. Nas tropas não dotadas dessa viatura a
ração de reserva deve ser transportada em
ro proprio e que vae no trem de estac.
este na occasião estiver perto da tropa será,
nticamente, esta a primeira ração de reserva
consumir.

Cumpra ainda ao official de subsistencia fa-
r de quando em quando examinar o estado
conservação das rações de reserva e fazer
novar o que se tiver tornado inservivel.

Fabrico de Pão

O fornecimento de pão ás tropas durante as
erações é particularmente difficil.

O judicioso emprego das padarias de campa-
a deve assegurar a distribuição sufficiente e
tempo. Convem recorrer ao auxilio das pada-
as civis. Na guerra de movimento não podem
tropas fabricar seu pão. Mesmo na paraly-
ção das operações isso será difficil, por falta
padeiros. Quando porém as condições todas
mittam o fabrico do pão pela tropa é o
ficial de subsistencia quem o dirige.

Quando não seja possível fornecer o necessa-
o pão á tropa, completa-se ou substitue-se
ração por biscoito ou bolacha, ou augmenta-
de 500 g. a ração de carne. Em ultimo caso
ga-se a farinha de trigo aos homens (em
pecie) para que a preparem de outro modo,
mo alimento.

Carneação

Em campanha será frequente a tropa ter que
carnear. Não ha falta de pessoal apropriado; com-
do é conveniente fazer exercicio de carneação
dos os annos nas unidades de tropa.

Quando a tropa tenha que abater gado é o
ficial de subsistencia quem dirige o serviço.
a carne deve ser transportada elle provi-
cia sobre seu bom acondicionamento; pôde
r convenientemente defumal-a. Se a tropa leva gado
n pé elle cuida de seu tratamento, alimenta-
to e marcha.

(A seguir: Preparo dos officiaes de subsis-
tencia na paz).

O que traz de novo o R. Cont. (N. 2)

Continencias pelas guardas e outras forças

O art. 34 foi completado de modo a mencionar
todos os casos em que uma força faz conti-
nencia e foi corrigido excluindo a continencia
aos militares de hierarchia igual á do cdte. da
força. Na 2.^a parte estão synthetizados os dois
principios a observar: a força se resume como
um só individuo na pessoa de seu cdte.; o
cdte. de força, á frente d'ella, é superior dos
militares de igual graduação, mas isolados. O
art. 39 detalha o modo de fazer a continencia.

O art. 35 foi alterado: apresentação de ar-
mas, hymno e marcha-batida é continencia pri-
vativa da Bandeira e do Presidente da Repu-
blica; para as demais autoridades e militares
superiores ao cdte. da força estacionada só ha
o edo. de «sentido» e «olhar á direita» (es-
querda). — subentende-se tambem «olhar frente»
— se fôr o caso, accrescendo para os gene-
raes uma marcha, da musica, ou na falta
d'ella, a composição da ordenança pelos cor-
teiros e tambores. «Para os de graduação igual
o cdte. limita-se a responder á saudação que
parte de seu camarada». Distancias são as mes-
mas do caso da força em movimento (39), ex-
cepto para a Bandeira, o Presidente e os ge-
neraes: nestes casos começa a continencia a 50%
e cessa quando se tenham afastado 10 passos.

O art. 36 foi muito alterado, racionalmente,
e simplificado: O official que exerce uma fun-
ção de posto superior ao seu tem direito á con-
tinencia d'aquelle posto (dizia o antigo R., e
accrescentou-se): *na unidade ou repartição onde
a exerce, salvo se se apresentar em companhia
de official estranho mais graduado.*

A 2.^a parte foi por assim dizer posta ao
avesso: «Se exercer em corporação militar fóra
do Exercito, commando de posto mais elevado,
sempre que se apresentar fardado e com as in-
signias deste posto terá direito á continencia
como se fosse effectivo».

No art. 38 foi accrescentada a obrigação da
continencia á noite pelas guardas de honra ou
de guarnição á Bandeira e ao Hymno.

O art. 39 estabelece as distancias para a con-
tinencia de força em marcha, introduz o com-
mando preliminar de «sentido», quando fôr o
caso, e regula a successão das vozes dos
cdtes. que se cruzam.

A execução passa a ser feita successivamente
pela menor unidade de commando de official
(pelotão, secção).

O art. 40 recebeu uma 2.^a parte relativa
ao caso de uma força que alcance outra no mes-
mo sentido da marcha e queira passar á frente.

O art. 41 estabelece que approximando-se de
uma força parada uma autoridade que teria di-
reito a continencia, mas que já encontre no
local outra autoridade superior, contudo o cdte.
da força manda «sentido».

O art. 43 estabeleceu para a força desarmada
— accrescentou ou armada fóra das condições
do n. 35 — a obrigação de fazer o olhar á
direita (esq.) tambem quando parada.

E explicou que o cdte. leva a mão á cober-
tura, se tem a espada embainhada.

O art. 44 foi supprimido, porque a nova
redacção do 43 abrangeu o caso.

O art. 45 supprimiu o pedido de licença para
montar ou apeiar. Isso era como se a infantaria

(*) Vd. R. S. C. braz. 569.

tivésse que pedir licença para descansar armas. Esta comparação devia ser generalizada nas armas montadas: a infantaria fez alto, descansou armas; tropa montada parou, apeou!

Entretanto ainda é tão frequente vêrmos tropa montada, muito tempo parada sem apeiar! Naturalmente: *modas in rebus*. O cavalleiro não é bem uma carabina...

Dos cumprimentos em recepção de visita e apresentação. O art. 47 foi consideravelmente alterado, no sentido de maior exequibilidade e de garantir a conveniente ordem e naturalidade. Isso transparece logo da primeira proposição: em visita inesperada o Presidente da Republica será recebido «pelo director ou cdte. — se possível — ou na falta deste pelo official mais graduado que estiver mais proximo, o qual mandará fazer o devido toque, se não tiver sido feito ainda». A tropa formará então em seus alojamentos «como estiver»; a musica, os corneteiros e tambores postar-se-ão á direita da guarda e farão a continencia — não importa a demora que haja —; os officiaes irão armar-se, reunir-se-ão por unidades — para não chegarem de um em um, como sempre acontecia — e serão no local onde se achar o Presidente, a elle apresentados pelo director ou cdte. No § 3.º se estabelece que para as outras autoridades, a partir do cdte. da brigada inclusive, a formalidade da formatura do pessoal só terá lugar por occasião da primeira visita.

A' primeira vista é lamentavel que se não tivesse estabelecido o mesmo principio no art. 49 quanto ás guardas de honra a postar no ponto de desembarque das mesmas autoridades superiores.

Está porém no criterio dessas autoridades — que têm necessariamente interesse em não perturbar a tropa e não affligir os cdtes. que em certas epochas só poderão constituir taes guardas de honra por uma salada de companhias, promptos e recrutas — evitarem isso: basta que não dêem aviso official de sua chegada e partida (49, 2.ª prop.). O R. Cont. não pôde ter culpa das frequentes substituições de commando, mórmente na «provincia», durante o anno de instrução, nem tambem de não ser garantida a presença nas fileiras, em qualquer epocha de um razoavel minimo de praças promptas.

O art. 48 foi completado com uma disposição que virá sanar uma impressão muito má, sempre deixada pela indecisão e desordem nas apresentações e cumprimentos collectivos, especialmente tratando-se de visita de superior ou substituição de chefe. Nestes casos, o chefe (ou seu substituto) vae dando ao visitante (ou novo chefe) o nome de cada official; o nomeado dá um passo em frente, toma a posição de sentido voltado para a autoridade e diz a função que exerce, approxima-se para apertar-lhe a mão, se o superior a estende, e em seguida afasta-se.

(Continúa)

Instrucção de infantaria

Quadros de Instrucção destinados á organização de programmas semanaes

(Continuação)

VI — Esgrima

		Posição de guarda.
	Passos . . .	{ Simples á direita, esquerda, frente e retaguarda. Dobrados á frente e retaguarda.
	Saltos . . .	{ Simples á direita, esquerda, frente e retaguarda. Dobrados á frente e retaguarda.
Preparatoria	Sem arma (Só para recrutas)	Partir a fundo ganhando e perdendo terreno. Guardas á direita esquerda e retaguarda. Os exercicios anteriores combinados.
		Todos os exercicios anteriores.
	Com arma (Para todos)	Golpes . . . { Altos: á direita, á esquerda, na cabeça. Baixos: á direita, á esquerda.
		Paradas . . { Altas: á direita, á esquerda, á cabeça. Baixas: á direita, á esquerda.
Combate.		Recursos: fintas, opposições, batidas, degagé, pancadas. Todos os exercicios anteriores combinados.
	Recursos permittidos:	jiu-jitsu, capociragem, etc.
	Recommendações	Em terrenos variados e alturas differentes.
	principaes	Homens equipados. Golpes só no tronco. Evitar pancadaria.

Notas. — O exame é só com arma. A esgrima de combate vae até setembro, encerrando-se com a revista de exame. Pode-se fazer concurso (R. I. S. G. 59). Todos os sargentos devem estar preparados para instructores de esgrima. É prohibida a escola para exhibição e no momento o instructor ensinará a dois homens ao mesmo tempo. Julgamento: segurança, agilidade, firmeza, energia nos golpes, habilidade, decisão e astucia. Evitar series decoradas de exercicios. Nos mezes de inverno e uma vez por semana, uma aula obrigatoria para segundos tenentes e aspirantes (isto deve constar nos programmas de instrucção para officiaes, organizados pelos commandantes de corpos).

VII — Gymnastica

Sem arma e sem voz.	Com o tronco em pé	Movim. giratorio: cabeça, tronco, braços, pulsos, pernas e pés. Movimento horizontal e vertical (lateral) dos braços. Oscillação das pernas para diante e para traz. Flexão: braços, pulsos, dedos, tronco, pernas, pés. Abertura das pernas: para a frente e para os lados. Contração das pernas.
	Com o corpo deitado	Flexão dos braços (ventre para o solo). Flexão do tronco (Ventre para cima)
Sem arma e á voz		braços estendidos ao longo do corpo; mãos cruzadas debaixo da cabeça; braços estendidos no prolongamento do corpo; os exercicios anteriores sem auxilio.
	Curvar e voltar a cabeça. Flexão: braços, tronco, pernas, pés. Elevação de uma perna. Saltos: com calcanhares unidos (em altura), com um pé recuado (em frente, e retaguarda).	
Com arma e com voz.	Com ambos os braços	Levantar e baixar os braços. Flexão dos braços e do tronco.
	Com um só braço	Flexão dos braços: arma á frente e ao lado. Movimento horizontal dos braços.
Com arma e sem voz		Molinete. Pontaria: movimento giratorio dos braços e baixar a boca da arma.
		Suspensão inclinada Suspensão alongada Passar da suspensão ao apoio.
2ª Classe	Barra fixa.	levantando uma perna; flexão dos braços; os dois exercicios anteriores combinados. flexão dos braços; levantamento e abaixamento das pernas. saltar em terra. Passar do apoio á suspensão alongada (abaixamento) } deslizando com abaixamento simultaneo e successivo dos braços. Tomar o apoio por salto. Flexão dos braços em apoio. Cavalgar a barra, partindo do apoio e retomar o apoio. Do apoio assentar na barra pela frente e retaguarda. Da posição assentada saltar e voltar ao apoio. Transpor a barra por salto de calcanhares unidos Idem de pernas abertas.
	Cordel de saltos	a pé firme; a alguns passos;
Em apparelhos	Caixa de saltos: exercicios a, b, c e d do n. 49.	Salto em largura (sem cordel) e em altura. Salto precedido de corrida em altura, largura e composto.
	Corda pensil (simples ou par)	Pendurar-se e flexão dos braços. Subir e descer com e sem auxilio dos pés. Saltar no chão. Flexão lateral alternativa dos braços.
Jogos Applicados	Haste vertical: Subir e descer.	
	Poste com degrãos, escada vertical e obliqua.	subir; subir a braços na escada obliqua.
1ª Classe: os mesmos exercicios com maior desenvolvimento e mais os detalhes prescriptos pelo R. Gy. (63, 64, 65, 66, 67, 68).		
	Exercicios de equilibrio: barra oscillante, cavalgar traves, pinguelas. Andar de rasto: para diante e para traz. Saltar obstaculos: cordeis, fossos, troncos de arvores, barris, sebes, etc. Galgar e transpor: muros, barrancos, pallissadas, etc.	
Jogos Applicados	Corridas de estafetas e outras. Barra, foot-ball, distensão de cordas, páo de cebo, etc. Jogar corpos: á distancia, altura e distancias determinadas.	

Notas. — Objectivo da gymnastica: maxima capacidade para vencer todas as difficuldades da campanha (n. 3).

Todos os ramos da gymnastica são atacados simultaneamente.

Os instructores executam em primeiro lugar exercicio (n. 3).

Os exercicios têm lugar durante todo o tempo serviço (n. 4).

Nos mezes de inverno uma aula obrigatoria, por semana, para os 2.ºs tenentes e aspirantes (n. 3).

Fazem-se concursos (n. 7) e se permitem outros exercicios (n.ºs 3, 8, 70). Revistas de exame no fim da instrucção dos recrutas e no

do periodo de companhia (n. 7). No periodo de companhia o exame é de gymnastica applicada.

Não se preoccupar com exhibições e fazer o julgamento tendo em vista: ordem, silencio, agilidade, facilidade, garbo, dextreza, força, porte militar, coragem, segurança, resistencia, habilitade, grão de experteza, iniciativa (n.ºs 2, 4, 6, 31, 45, 72, 73, etc. Acompanhar exercicios de turmas pouco numerosas, fiscalisar e tomar notas.

Para um julgamento seguro e acompanhar detalhadamente o progresso da instrucção, ao instructor convem a organização em seus cadernos de instrucção dos modelos I e II:

MODELO I

Nomes	Idade	Altura	Peso	Pulsações por minuto	Força	Capacidade pulmonar	Circunferencias												Observações
							Pescoço	Thorax	Abdo- mem	Braco	Ante- braco	Coxa	Perna						
	a	d	a	d	a	d	a	d	a	d	a	d	a	d	a	d			

antes de iniciar os exercicios de gymnastica, depois de terminados.

A capacidade pulmonar é fornecida pela diferença em centimetros entre uma aspiração e a expiração. Cada centimetro e meio de diferença corresponde a 1 litro de ar. A capacidade pulmonar quando inferior a 2 litros é peita.

A organização deste quadro e indicações que o acompanham foram fornecidas pelo tenente Frias Villar, instructor de gymnastica do Curso de Aperfeiçoamento. Ellas constituem, indiscutivelmente, um registro precioso para quem acompanha detalhadamente o progresso dessa instrucção.

MODELO II

Exercicios sem arma e sem voz de commando

NOMES	Movimentos giratorios										Flexão do tronco				Observações
	Cabeça	Tronco	Braços	Pernas	Mãos	Pés	Mov. horizontal dos braços	Mov. lateral dos braços	Oscilação das pernas	Abertura das pernas	Flexão dos dedos	Flexão dos pulmões	Flexão do tronco	Flexão dos braços	
			3				2							6	
F.	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
R.	12	/	/	5	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
	5	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/

Este quadro destinado aos exercicios sem arma e sem voz de commando está organizado de duas formas como indicação; é claro que todas as partes devem ter quadros identicos. Nenhum instructor cuidadoso poderá dispensar o seu caderno de notas sobre a gymnastica. Pela organização do presente quadro cada homem dispõe de uma faixa horizontal decomposta em tantos rectangulos quantos forem os exercicios diferentes a que deve elle ser submetido. Cada um destes rectangulos está decomposto em dois triangulos: no superior registase a *lapis* o numero de exercicios de uma

determinada cathegoria que o homem tem feito, no inferior, uma letra indicativa (s, por exemplo) de que já pôde elle ser dispensado de tal exercicio; neste caso o algarismo do triangulo superior deve ser conservado a tinta, porquanto elle indica o numero de exercicios que cada homem fez para conseguir um resultado satisfactorio (s). Os triangulos em branco indicam as cathegorias que não foram exercitadas. No quadro acima, R, por exemplo, só se exercitou em movimentos giratorios de cabeça e pernas, tendo satisffeito os primeiros no 12º exercicio.

1º Tenente Barbosa Monteiro.

R. T. I.

(2ª edição — Conclusão)

Parte III

m muito pequenas as modificações e no-
ahi introduzidas. As mais importantes

te constam do ultimo periodo do n. 183;
n. 192, que desloca para a companhia
ucção dos telemetristas;

n. 198, que precisa a responsabilidade
terentes commandantes em relação a essa
ção;

n. 197, que prescreve a obrigação dos
ndantes annualmente revistarem o desen-
ento dessa instrucção,

nalmente, a recommendação do n. 198,
odas, sómente a ultima exige um pequeno
cimentio.

hypothese alguma é recommendavel cons-
ssas inspecções com um caracter de exame.
devem consistir em exercicios especiaes,
ios estes de tal modo organisados que
mandantes tenham sempre margem para
com segurança do grão de instrucção
emetristas das companhias (officiaes in-
). Os proprios exercicios referidos no
se prestam perfeitamente para isto.

Parte IV

ndamentos desta parte não soffreram mo-
des sensiveis. A não ser a alteração do
de premios, a distribuição de premios
ados menores, a restricção do n. 205 e
ficacção impressa ao n. 210, muito pouco
is ahi que se assignale. A clareza das
ações dispensa qualquer commentario.

Parte V

mmenda-se como particularmente impor-
consideração contida no ultimo periodo
216.

e munições a 2ª edição definiu de modo
to o que cada unidade pode dispôr du-
o anno, para sua instrucção.

a munição deve ser calculada sobre os
os de instrucção, pouco importando que
fectivos sejam ou não realmente dados.

da pagina 94 completa os esclarecimen-
necessarios a esse calculo.

visão desta parte (munições) parece ter
eita apressadamente. Assim, deve ser «de
tuchos por homem», e não «de 70 car-
por homem e por classes». A ultima fórmula
em desacordo não só com o que effe-
ente se lê nas linhas 17 e 18 da pagina
mo com o proprio espirito do n. 217,
belecer este numero duas unicas especies
nição para a companhia (a e b). Sobre
iciente 60, encontrado nas paginas seguin-
se disse alguma cousa em notas ante-

relação á maneira pratica das compa-
receberem as suas dotações annuaes de
o, o regulamento nada diz; trata-se de
talhe de administração, inteiramente af-
á competencia do commando do corpo.
a, parece que o mais pratico entre nós
companhias receberem essa munição par-
mente, isto é, á medida que forem neces-
sarias. A economia annual de cada companhia

póde perfeitamente ficar na intendencia do corpo;
basta que de tudo isto se faça o necessario re-
gistro.

O principal, enfim, é cada companhia saber
que póde annualmente dispôr, a juizo de seu
commandante, mas na fórmula que o regulamento
estabelece, de tal porção de munição. Sómente
ordens superiores poderão (como já dissemos),
restringir taes dotações, provisoriamente, ou mes-
mo augmental-as, se as autoridades julgarem
que isso é necessario. Deve-se, porém, ter o
cuidado em não confundir esses augmentos com
os resultantes das dotações supplementares pre-
vistas no regulamento (exa a munição posta pelo
batalhão á disposição de suas companhias para
exercicios especiaes de tiro para officiaes).

Parte VI

Nesta parte — escripturação — as alterações
mais importantes são as que constam dos res-
pectivos mappaes; as notas que os acompanham
esclarecem perfeitamente o modo de proceder
á sua escripturação (1). Sómente no modelo IV
é preciso o cuidado em encher o seu n. 1 (effec-
tivo na incorporação dos recrutas) de accordo
com o periodo que se segue ao § 5º do n. 221.
Fazer o contrario importaria registrar um grande
numero de *esclarecimentos sobre ganhos*, quando
o que se quer com o n. 2 — ganhos — é
exactamente ver depois da incorporação o mo-
vimento de entradas na companhia e em que
condições estas se realizaram.

E' ainda particularmente importante, pelas obri-
gações que estabelece, o que sobre *relatorios*
traz de novo o n. 227.

Parte VII

Em face da desorientação existente sobre a
questão da verificação das armas, sou obrigado
a alongar-me aqui um pouco.

O tiro de verificação é obrigatorio, mas essa
obrigatoriedade, como a de tudo que é regu-
lamentar, só póde chegar até o limite das possi-
bilidades praticas.

Ora, o tiro de verificação só póde e deve
ser feito debaixo de condições muito rigoro-
sas, e é exactamente o rigor, que ahi se deve
observar que se não tem na pratica exigido.
Por exemplo, é condição indispensavel que o
atirador seja exímio.

Mas os nossos exímios atiradores só o são em
nome, porque na realidade e em geral todos
têm sobrecarregada de vicios a noção de pon-
taria que adquiriram. Isto é facto, não se con-
testa; a prova está nos bellos grupamentos ordi-
nariamente obtidos, todos, porém, localizados fóra
do rectangulo de verificação.

Por outro lado, as demais exigencias, taes como
bom tempo, estabilidade da arma, etc., são
quasi que de um modo absoluto despresadas.

Presentemente, por exemplo, com dia quente
e sem oculos apropriados, reputo quasi impos-
sivel um tiro de verificação com proveito, de-
pois de 9 horas. Acho tambem altamente in-
conveniente submeter um unico atirador á ve-
rificação de mais de tres armas em uma mesma
sessão, sem um descanso sufficientemente pro-
longado. Por isso, não merecem ser conside-
rados como de verificação, os tiros em ses-
sões prolongadas em que dezenas de armas são

(1) Com a numeração das companhias dentro do regimento
é indispensable a primeira casa do mod. VI — numero do batalhão.

ettidas a tssa prova e ás vezes, por um atirador. Nem é isto o que quer o amento; este apenas exige que se submeta a a uma prova de tiro, antes de seu em o tiro de instrução e de modo nenhum a a que todas as armas de uma companhia examinadas de uma só vez.

im, o que se tem feito até agora, está longe de ser um tiro de verificação; o muito, nada mais se tem tentado do atisfazer apparentemet uma obrigação impelo regulamento.

não deve ser assim. Se a verificação não ser rigorosamente executada, é preferível uzel-a, a dar como não satisfazendo as conde justeza, armas que na maioria dos são perfeitamente justas. Basta que depois stifique porque não pôde ser satisfeita a a da verificação. A autoridade de que os commandantes vale muito, e só se ajuzizar do que se passa na tropa pelo les asseveram. Ninguém tem o direito de r do que elles dizem; quando muito, as lades superiores poderão aceitar ou não ões por elles apresentadas.

ndo a Nação conferiu aos differentes comntes a autoridade de que elles gozam, turalmente para ficar tranquilla quando onferisse o encargo de zelar por deteras questões. Ella, portanto, só espera que stões que forem attribuidas a esses comntes sejam por elles tratadas com o cari-severidade que merecem.

pinhão geral é que o tiro de verificação na nossa tropa só difficilmente poderá ecutado, porquanto lhe falta o elemento al, que é o atirador exinio. Allegam isto ordinariamente o executam.

curioso, porém, observar a singular cono entre o que allegam e o que encerrelatorios annuaes apresentados. Estes deixam de registrar um numero relativo avultado de atiradores de classe es-

então os atiradores desta classe não estações de executar o tiro de verifi-Admitta-se que não todos, mas pelo mepequeno numero o deve estar.

ntradição resulta, portanto, do facto de responderem os coefficients relatados ás as de verificação, o que importa dizer classificações são feitas com uma bene-excessiva.

a a hypothese admissivel. Effectivamente, modo geral nós não temos atiradores exilão é que nosso soldado seja incapaz atirar essa qualidade no tiro, mas porque timos satisfeitos quando elle apenas, e nal, sabe o formalismo das primeiras do tiro.

eciso, no emtanto, ficar certo de uma exigencia regulamentar da verificação as é de tal ordem importante, que sup-importaria patentear um recuo de nossa a technica do tiro, que se não justifica face do nosso adiantamento de hoje. hece-se, assim, diante de tal situação, que a necessario um esforço supremo para o tiro de verificação; mas tambem de modo se deve vêr nas considerações que m um pretexto para não realizal-o. To-vezes que um commandante de compa-

nhia se sentir com recursos para o executar, deve fazel-o.

Por fim, seja-me permittido commentar um caso, a meu vêr, particularmente curioso.

Ouvi que alguns corpos tiveram retardada a sua instrução de tiro de combate pelo facto de seus fuzis não terem satisfeito as condições de justeza.

O regulamento não podia ser mais claro neste ponto; elle só prohibe o emprego de armas sem justeza nos tiros de instrução. Nem podia ser de outro modo, pois o tiro de instrução é um tiro de precisão, não permittindo, portanto, o emprego de armas que não satisficam determinadas condições⁽²⁾; mas tambem nem sempre o facto de uma arma deixar de satisfazer as condições de justeza deve levar á conclusão de que ella é incapaz de optimos grupamentos. A falta de justeza nem sempre resulta de um descalibramento, e o que se não deve permittir no combate, é o uso de armas descalibradas.

1° Tenente *Barbosa Monteiro*.

(2) E consequente, pelo espirito, os tiros de concurso.

"Fusil-metralhadora Madsen"

(Palestra com o A. Miranda)

Presadissimo amigo

Venho de lêr attentamente os reparos que fizeste, na «A Defeza Nacional» n.º 78 sob a epigrapha acima, aonde se deram as mãos o alinhio dos argumentos e a propriedade das phrases; se das conclusões vou dissentir verás que não é grande o terreno, nem te vae n'isso a desvalia.

São bem justificaveis teus receios de que as metralhadoras Madsen tenham vida curta, mas não dêes muitos tratos á imaginação porque as raías da metralhadora se gastam aos 3 mil e poucos tiros e tambem não te inquietes com o caso do revestimento dos projectis para os quaes insinuaste metal mais macio, compativel com a vida da metralhadora e do fusil.

Assalteado pela perspectiva da precoce velhice da Madsen disseste:

«Como o representante da Fabrica assegura para cada cano a vida de 5 mil tiros, surgiu a ideia de que o mal reside na camisa do projectil; este modo de vêr é corroborado pelo rapido descalibramento do Mauser quando em uso para experiencia de tiro»

Ora, como o fusil Mauser 908 foi acceito após experiencias rigorosissimas de que resultaram, para elle, a fixação de uma vida de 5000 tiros, permite-me acreditar mais na robustez d'este fusil do que na affirmativa do representante da

fabrica dinamarcheza, pelas razões que aces lër.

Experiencias semelhantes a estas que companhias, ou vens de concluir, foram realizadas de outra feita, antes da encomenda da metralhadora, por uma commissão presidida pelo Tte. Coronel A. Carlos Brazil, hoje fallecido; entre este e o representante da fabrica, o sr. With-Seidelin, houve alguns episodios interessantes.

Houvera a Commissão immediatamente concluido que a metralhadora não satisfazia a todas as exigencias do programma de experiencias, preestabelecido e approvado; assoalhara-se, então, que clandestinamente alguém substituiria o cano já experimentado, de cuja flagrante fadiga se evidenciara não ser possível, com elle, o final das provas no dia immediato.

E' claro que em torno do caso houvesse algum ruido; houve replicas e treplicas; resultado: foram substituidos a Commissão e o programma de experiencias.

Realizaram-se novas experiencias, o fusil-metralhadora cumprio-as fielmente, disseram-n'ò a commissão presidida por um coronel de artilharia, hoje general reformado, e o respectivo relatorio.

Dada esta feição retrospectiva relativa ao caso da Madsen — sem commentar para que do menor cochilo da penna não me caia em cima um dos artigos das transgressões catalogadas no R. I. S. G. — volto ao envolvero dos projectis e resistencia do cano da metralhadora.

A fabrica dinamarcheza previra o emprego da bala P. no seu material, por isso n'elle introduzira um novo cano fabricado com aço especial, mais resistente que o antigo — declaração do proprio Sr. Seidelin em 1911 — de sorte que agora sou eu quem fica mais surprehendido, com a fadiga da metralhadora após trabalho tão pequeno.

Sabe o meu velho amigo que a camara do fusil Mauser 908 foi traçada de modo que a bala P. percorresse, como percorre, no cano antes do forçamento um espaço que está comprehendido entre os limites 9 ± 3 mm.

Este augmento indirecto da camara do fusil, para atirar com a bala P. é uma exigencia technica indispensavel á garantia e vida do cano.

A metralhadora agora recebida e experimentada satisfaz a esta condição ou o forçamento é immediato?

Por outro lado, a nossa polvora n.º 422 substitue perfeitamente a N. N. P. 1532 allemã que foi experimentada com o fusil 908, porque com menor densidade de carregamento dá a mesma velocidade inicial e menor pressão.

Este fusil supportou no polygono provas rigorosas, ficando após 5 mil tiros em excellentes condições, n'uma média de 10 armas experimentadas.

Outras series deram resultados satisfactorios, no fim de 9 mil e mais disparos, entretanto o limite de vida foi fixado em 5 mil. Ao demais, foi pela consideração do menor coefferiente de fôrma, para obtenção de maior velocidade inicial e maior tensão de trajectoria, que adoptamos a bala P. para o fusil.

A França teve a mesma preocupação com o projectil do Lebel modelo 1888, modificado em 1898 com a bala biogival pontuda, pesando 13 grammas, em substituição da ogival de 15 grammas, composta por uma liga de cobre e zinco na proporção de 90% do primeiro para 10% do segundo.

Não adoptamos, por ex., o latão para o metal do nosso projectil — o que certamente muito sorriria á metralhadora e ao fusil, dando-lhes vida mais longa — porque exigimos para a bala P. do fusil 908 uma velocidade V 25 = 874 m-s, e energia de 4050 rotações por segundo; d'ahi preferimos a liga de cobre e nickel na seguinte proporção:

85% de cobre

15% de nickel

sendo a espessura do revestimento de 0,mm04.

Se erramos, a Argentina nos acompanhou no erro, ou nós a ella, pois que o projectil do seu fusil é revestido com a mesma liga, variando as proporções para 80% de cobre e 20% de nickel.

As experiencias têm demonstrado que as duas ligas comportam-se do mesmo modo em relação ao raiamento.

Por seu lado a Commissão hespanhola procedendo a experiencias com a bala ponteguda — veja-se Memorial de Artilheria de Julho a Dezembro de 1909 — outro fascículo de Julho de 1910 — foi mais longe, chegando á conclusão de que para a justeza e penetração da bala ponteguda torna-se necessario um revestimento mais duro que o Maillechort.

De sorte que é facil prever o embarao que terá a Directoria do Material Bellico

se propuzer a modificar o revestimento da bala P.

Ella poderá dar solução ao caso se fôr mistér; todavia eu, sem querer aditar ideia a respeito, estabeleço de mim para commigo o seguinte dialogo: Se a antiga 3.^a Secção da G. 4. — cujos serços passaram para a D. M. B. — acceitou o fusil 908 com a sua bala P. irmãos esta e aquelle, para a mesma luta da vida, e se depois o Brazil adquirio a metralhadora Madsen para trabalhar com a mesma munição do fusil, não teria ella passado pelas mesmas provas que saram sobre este?

Porventura não cuidaria a fabrica dinarqueza que o seu material teria que trabalhar com a bala P. de 9 grammos do fuzil Mauser modelo 908?

Concordemos, meu caro Miranda, «o 1.^o é do cano da metralhadora e não da bala».

Se a Madsen tem vida só para 3 mil poucos tiros, offerecendo-nos, antes de mil disparos, impactos de costado como este, sirva-nos o caso de *Experiencia* e é a melhor mestra da vida.

Abraços do am.^o ex-corde,

Porto do Vigia.

Frederico de Siqueira.

meu amigo Siqueira.

cordialissimas saudações.

com o mesmo prazer de sempre, quando trata de lucubrações de teu esclarecido espirito as respigas que tiveste a bondade de fazer meu despretençioso artigo publicado na *Defeza Nacional*.

gradeço essa prova de camaradagem, tendo legado momentos de teus lazeres com um ponto que julguei passasse despercebido. Publiquei-o menos com o intuito de exhibismo, ao qual sempre fui avesso por indole, que para attender ao pedido de um amigo de publicação da Revista que teve até a bondade de lembrar o assumpto.

Se não devias ter apprehendido, preocupei-me nada com o desejo de mostrar erudição, e a falha para mim, principalmente em se tratar de materia de ordem technica especial. Talvez, sem duvida, tambem, que não me dei apologista nem antagonista do fuzil-metralhadora Madsen.

Esta-se de uma compra já realisada pelo go- v. de uma arma que vai ser distribuida aos corpos de tropa, não convindo por con- cencia juizos pouco lisongeiros a respeito. Em disso, o artigo que escrevi deve ser to mais pela sua feição litteraria do que ca; — não o publiquei como membro da issão que acompanha as experiencias que sendo feitas com a arma referida. A synthese, parece-me que estamos de com-

pleto accordo, menos quanto a um dos pon- tos capitais da tua amavel palestra.

Quando me referi á dureza do involucro da bala P, que concorre para a rapida usura das raia dos canos, tive menos em mente a pre- coce velhice da Madsen, do que a existencia dos nossos fuzis Mauser 908.

Como sabes, não temos fabricas de arma- mento de guerra; dependemos nesse particular servilmente da industria estrangeira; nossas fi- nanças não comportam a renovação de apresta- mento militar, á proporção das necessidades, como seria para desejar.

Por esses e outros motivos que não convem esmerilhar, devemos economisar o mais possi- vel o bom armamento que possuimos e dahi a ideia que me occorreu de que a D. M. B. pudesse tomar a peito a modificação da du- reza da *camisa* da bala P., para que os nos- sos excellentes fuzis tivessem mais longa vida.

Na tua cerrada argumentação laboraste num pequeno equívoco que parece ter destruido com- pletamente esse meu modo de vêr.

Dissêste que a *camisa* da bala P é de mail- leshort, pois tanto importa attribuir-lhe uma liga de 85 % de cobre e 15 % de nickel.

Si assim fosse, não se me apresentaria ao espí- rito a ideia de modifica-la, em beneficio da exis- tencia das nossas armas de fogo portateis.

Conforme, porém, resa o nosso regulamento n. 74, a *camisa* da bala P é de aço cupro- nickelado, isto é, compõe-se de uma chapa de aço doce, revestida de ambos os lados de ca- madras de mailleshort com a composição que citaste.

Eis porque, me parece, a Argentina alterando as proporções dessa liga, em quasi nada mo- dificou as condições de usura do raizamento.

Pois bem, é contra esse aço empregado para revestir a *camisa* da bala que meu espirito se revolta, naturalmente pelas ideias pacificas e eco- nomicas que nelle predominam.

Aço attrictando aço comprehendes que é um esbanjamento.

Além disso, sob o ponto de vista da resisten- cia, para o trajecto do projectil e para a pre- cisão do tiro, ousou pensar, na minha igno- rancia sobre o assumpto, não ser essa dureza uma necessidade absoluta. (*)

Para a penetração sim, mas esta offerece pre- sentemente menos oportunidade para os pro- jectis de infantaria, que aliás só devem ter em vista os alvos animados, directamente vi- sados.

Seu principal effeito era contra os escu- dos das peças de artilharia, mas a nova tactica dessa arma, que consiste em collocar as bocas de fogo á maior distancia possível do inimigo, parece ter annullado essa propriedade.

Além de que, como sabes, á proporção que a penetração dos projectis augmenta, as couraças tambem ampliam as suas condições de resistencia.

Numa das sessões do Jogo da Guerra, dadas pelo eminente chefe da missão franceza, Sr. general Gâmelin, causou-nos surpresa ter esse experimentado cabo de guerra collocado a arti- lheria a mais de seis kilometros do inimigo,

(*) Nas Instrucções regulamentares do Fuzil de Repetição Mauser, 1895, existe a seguinte «Nota.—A Comissão Militar Brasileira que fez acquisição do armamento na Europa, pre- feriu, após experiencias que realisou, substituir a *camisa* de aço nickelado, usada na Alemanha, pela liga acima referida que deu sempre melhores resultados balísticos no nosso fuzil».

ando o alcance efficaz das nossas boccas de o de campanha é inferior a essa distancia. que esse illustre general empregou, não a sa artilharia, mas sim, a franceza moderna, teremos de adoptar.

longe iria, amigo Siqueira, si pudessemos estrar á vontade.

Mas, como a ti, tambem me horrorizam as teas dos artigos do R. I. S. G., relativos transgressões disciplinares.

teremos, porém, occasião de palestrar de viva e então saberás o juizo que faço do novo parelhamento, com que vão ser dotados os os corpos de tropa, para augmento da effia dos seus fogos em combate.

lanceiro de 1920.

Cap. A. Miranda.

Instrucções para o quartel-general de uma divi- são de cavallaria

III

Nomeações para o quartel general

De cada uma das tres brigadas, um official de ordens: 3 off., 3 ordenanças, cavallos.

Do grupo a cavallo, um dito: 1 off., 1 ordenança, 3 cavallos.

Do grupo de metralhadoras, um dito: off., 1 ordenança, 2 cavallos.

Da secção de radiotelegraphia, um dito: off., 1 ordenança, 2 cavallos.

O cdte. da secção de signaleiros: 1 off., 1 ordenança, 3 cavallos.

Um automovel do mesmo: 2 homens, viatura.

Um official veterinario (para auxiliar b): 1 off., 1 ordenança, 1 cavallo.

Um segundo sargento (para cdte. de ecção, estacionador e serviços de 1.º sargento): 1 homem, 1 cavallo.

Dous clarins (para alarmes): 2 homens, cavallos.

Seis estafetas a cavallo (para reforçar a guarda do quartel general, sendo tres a 4 d'elles praticos em cosinha, para preparo da alimentação dos officiaes do quartel general. Os tres homens existentes para guarda do quartel general são imprescindiveis para sentinella): 6 homens, seis cavallos.

Somma: 8 officiaes e funcçionarios, 19 sargentos e soldados, 29 cavallos, 1 automovel.

Para transporte da bagagem dos officiaes nomeados para completar o quartel general será necessario requisitar uma viatura.

10. RECAPITULAÇÃO do effectivo total do quartel general da D. Cav. mobili-

sada (vêr quadro do effectivo da formação de guerra).

Commandante da Divisão, 6 off., 21 praças, 28 cavallos, 3 viaturas. Escolta do quartel general: 1 off. cdte., 7 praças, 8 cavallos.

Funcionarios e um off. de saúde: 17 off., 34 praças, 42 cavallos, 3 viaturas, 3 automoveis de pessoas, 1 auto-caminhão rapido, 8 praças, 4 viaturas.

Pessoal complementar, nomeado segundo demonstração precedente, 8 off., 19 praças, 29 cavallos, 1 viatura.

Somma: 32 off., 89 praças, 107 cavallos, 17 viaturas.

IV

Calculo da quantidade diaria dos generos de alimentação para o quartel general

Para 121 homens :		Kg.		
Pão.....	90,75	a	750	gr
ou Biscoito (com ovo)....	48,40	a	400	"
ou Bolacha.....	60,50	a	500	"
Carne verde.....	43,375	a	375	"
ou de fumaça.....	24,2	a	200	"
ou de conserva.....	24,2	a	200	"
Arroz.....	15,125	a	125	"
ou cereaes.....	30,250	a	250	"
ou legumes seccos.....	72,60	a	60	"
ou conservas de legumes..	18,150	a	150	"
ou batatas.....	181,500	a	1500	"
Sal.....	3,025	a	25	"
Café.....	3,025	a	25	"
Chá.....	0,365	a	3	"
Peso total.....	324,038	a	2678	"

Para 107 cavallos:		Kg.		
Grão.....	642	kg.	6	kg
Feno.....	267	"	a	2,500
Peso total.....	909	"	a	8,500

V

Instrucções para o cdte. do quartel general

Requisitos pessoaes
Muito tacto, abnegação e energia
Tacto na conducta para com os officiaes e funcçionarios. As condições novas de serviço no quartel general muitas vezes não se casarão com os interesses dos senhores officiaes e funcçionarios do mesmo.

Abnegação no constante empenho pelo bem estar de todo o quartel general, que muito facilitará a realisação dos serviços; ao mesmo tempo desistir de qualquer actividade militar em face do inimigo, fóra da esphera das attribuições.

Energia para disciplinar o pessoal militado de diversas procedencias: am

(*) Deve existir mesmo que algum dos elementos do effectivo completo não esteja momentaneamente presente no quartel general.

entes, ordenanças, bagageiros, soldados do trem, etc. E' absolutamente necessario organizar esse pessoal com rigor desde o começo. As maiores difficuldades em relação á disciplina provêm geralmente dos ordenanças e bagageiros que procuram e geralmente acham guarida com seus officiaes quando commettem faltas. Ahi é preciso grande tacto e firmeza, em boas maneiras, para garantir a disciplina sem usar desgostos duradouros.

São subordinados ao cdte.: Todos os sargentos e soldados pertencentes ao quartel general ou no mesmo destacados, saber: — um 1.^o sargento, 7 segundos, 6 soldados do trem (inclusive 6 estafetas a cavallo e 10 chauffeurs).

Funções: vd. determinações sobre os negócios do quartel general da divisão e distribuição do serviço (II c).

Alojamento e alimentação: para auxiliar o serviço de estacionador emprega-se o 1.^o sargento e uma parte dos 6 estafetas. Esses 6 estafetas pelo menos 3 ou 4 devem saber cosinhar.

E' em primeira linha responsavel pela manutenção o chefe do serviço de subsistência do quartel general; pôde um dos officiaes de ordens ser designado para fiscal-lo, como official de subsistencia, e pôde tambem ser incumbido de fiscalizar o preparo das refeições.

Para a distribuição da forragem o sargento da guarda do quartel general terá attribuições respectivas.

Os tres homens da guarda serão geralmente empregados como posto de sentinela junto ás dependencias do escriptorio do commando. Não se pôde contar com eles para outra cousa. Igualmente o ferrante não pôde fazer outro serviço. Si o quartel general estaciona isolado em uma localidade pôde ser necessario requisitar pessoal para guarda, da tropa mais próxima.

Poder disciplinar do cdte. Tem as attribuições de cdte. de esquadrão.

Substituto do cdte. — é o segundo ajudante (II b).

Instrucção para o serviço do cdte. Os regulamentos do quartel general serão annexados os seguintes informes:

— Mappa de todo o pessoal do quartel general.

— Relação nominal dos officiaes e funcionarios, inclusive addidos.

— Relação nominal de todas as praças.

— Numero dos cavallos (quantidade) e

viaturas do quartel general, com a distribuição pelos officiaes e funcionarios, etc.

5.— Distribuição da bagagem dos officiaes e funcionarios pelas viaturas, bem como da das praças não montadas.

VI

Instrucção para o cdte. do trem de estacionamento

Cdte.: Capitão...

A' sua disposição 1 sargento e 2 soldados do trem.

Funções: Vd. a distribuição dos serviços do quartel general.

A collocação das viaturas no estacionamento é determinada ao chegar, mediante consulta ao cdte. do quartel general.

VII

Propostas sobre o emprego de correio de campanha

Generalidades. O correio de campanha da D. C. é subordinado executiva e disciplinarmente ao cdte. da D., em materia de technica postal ao director dos correios do exercito e ao Correio Nacional.

O correio de campanha encaminha correspondencia particular e de serviço, cartões postaes, remessas de dinheiro, jornaes e pequenas encomendas.

A secção II a de accôrdo com I b despacha as questões de correio.

Em ordem do dia a tropa tem sciencia da abertura do serviço de correio de campanha. Só para o quartel general tem lugar a entrega directa aos destinatarios. A tropa recebe e entrega collectivamente a correspondencia, quanto possivel reunida por brigada, empregando como portadores praças munidas de attestado.

Na zona de concentração: estabelece-se o correio de campanha no quartel general da D., em ligação com a agencia do correio local.

Durante as operações: O correio de campanha é estabelecido junto ao trem de estacionamento, subordinado ao cdte. d'este. Em estacionamento fica junto ao quartel general.

A ligação mais conveniente com o correio do exercito, etc., tem lugar pelo emprego dos dous carros-correios. Depende das circumstancias haver ligação diaria ou só de 2 em 2 dias.

Os guias dos carros-correios devem perguntar antes de partir qual o ultimo estacionamento do quartel general da D.; para lá elles se dirigem com seu carro e um

clista os acompanha d'ahi para o trem de estac. da D.

A chegada e a partida devem ser annuncadas com tempo á secção II a.

Além dos 2 carros ainda ha para o transporte da correspondencia 2 estafetas postilhões a cavallo). Para lançar mão d'elles a secção II a faz uma requisição scripta ao director dos correios de campanha.

Póde ser necessario fazer escoltar os carros-correios ou postilhões. O movimento postal deve ser principalmente facilitado depois dos combates.

VIII

Propostas para utilização dos automoveis e cyclistas

O quartel general da D. C. dispõe de automoveis de pessoas e 1 auto-caminhão, subordinados á secção I b. Quanto a cyclistas ha na tropa: 6 em cada regimento, 2 no grupo a cavallo.

Os automoveis de pessoas servem em primeiro lugar para ligação com o cdo. superior do exercito — quando falhar a radiotelegraphia — e com as tropas visinhas. Excepcionalmente poderão ser empregados para transmissão de ordens a partes avançadas da D. C., ou para reconhecimento. Um ou dous d'elles seguem na marcha entre a vanguarda e o grosso, ou successivamente, escolhendo melhor estrada. Um d'elles segue no trem de estac. No estac. ha sempre um prompto a partir.

O auto-caminhão tem por fim principalmente o reabastecimento de munição, material de saúde, medicamentos e combustivel para os automoveis, caso se torne urgente o respectivo supprimento. Em casos extremos tambem será usado para buscar forragem.

Quando elle tem que funcionar deve ser aproveitado para correio.

Quando não empregado elle segue no trem de estac.

Os cyclistas ficam á disposição das tropas para serviços internos ou á do cdo. dos trens de estac. para escolta. Como não são treinados para percursos rapidos, não se póde contar com elles para vencerem rapidamente grandes distancias.

Em estacionamento podem ter vantajoso emprego em postos de comunicação, centros collectores, postos avançados e segurança de linhas telegraphicas.

IX

Pontos a considerar na primeira ordem do dia da divisão.

1. — Distribuição das localidades entre as brigadas para procura da subsistencia. Outras unidades da D. estacionadas nas zonas assim definidas ficam adstrictas á respectiva brigada para a alimentação.

2. — Obtendo-se acantonamento com alimentação póde ser concedida a taxa maxima de indemnisação.

3. — Nomeações de officiaes, sargentos e praças simples, designação de cavallos para o quartel general e estafetas para a secção de radiotelegraphia.

4. — Cada regimento pede uma ambulancia, prepara-a e manda-a para o trem de estac.

5. — Indicação de pontos de reunião de doentes (data, situação, numero, tempo até quando os doentes devem chegar, serviço de saúde, eventualmente um carro de saúde, alojamento, tratamento, remoção).

6. — Comunicação do estabelecimento do (ou dos) armazens de campanha. Regularisar os recebimentos.

7. — Os emissarios das brigadas que vêm receber ordens trazem para o quartel general da D. a correspondencia postal, levam, mediante recibo, a que chegou.

8. — Começando as operações cada saque de forragem deve ser cheio de $\frac{2}{3}$ de ração, para que sempre haja alimento para os cavallos á noite, independente da chegada do trem de estac. e para que assim os cavalleiros tenham descanso mais cedo.

9. — Petardos, bobinas de fio telephonico, tesouras corta-aramé, serras articuladas, devem ser levados a cavallo desde que pareça impossivel em consequencia de máo caminho, seguirem os trens de pontes com o trem de combate (ordenar-se possivel de vespera).

10. — Apresentação dos officiaes de subsistencia das tropas no dia... ás... horas, no quartel general da D., para conferenciarem com o intendente da D., a qual ficam subordinados.

11. — Prevenir contra saques ou requisições desautorizados na zona de concentração. E' permittida a compra directa.

12. — Os cdos. das brigadas quando n'estacionem com o da D. estabelecem directamente ligação telegraphica com estac. pelo telegr. de cav. A secção de signalização cuida unicamente da ligação com os órgãos do esclarecimento.

— Fazer saber o local de reunião de me da D. Preparar o alarme silencioso.
 — Fazer saber quaes as brigadas que adiante da D. Cav. fazem o iço de segurança da fronteira. Indio approximada de suas posições.

— Os effectivos totaes (para alimen-
 o) e os de combatentes devem ser
 cipados pelas tropas e repartições á
 nos dias 1, 11 e 21 de cada mez,
 ndo o modelo regulamentar. Identi-
 ente logo após a chegada na zona de
 entração.

— Não referir na correspondencia
 ular questões concernentes ás ope-
 es.
 (Conclusão).

FUNÇÕES DE TIRO DE METRALHADORA

Do «Manual do Soldado de Metralhado-
 ras», de Friedrich von Merkatz. Trad. do 1.^o
 Tenente Maciel da Costa.

(Conclusão)

10. Tiro contra artilharia em posição

Muito difficil que o fogo de frente, con-
 tilharia em posição de fogo, seja effcaz,
 e ella dispõe da protecção dos escudos,
 preciso atirar de frente contra artilharia,
 de-se exactamente como no tiro contra me-
 doras. A's grandes distancias o tiro é in-
 fero, ás distancias proximas, ao contra-
 ando ao fogo uma profundidade até 100 m,
 se contar com effcacia mediante a massa
 ojectis lançados. Fogo com maior profun-
 e acarreta excessivo consumo de munição.
 egando o fogo cruzado, pode-se em parte
 r os serventes abrigados pelos escudos.
 tiro contra artilharia em posição, deve-se
 e procurar obter effcacia atirando de

tiro contra as viaturas attreladas da arti-
 procede-se exactamente como contra co-
 s.

FUNÇÕES DO CHEFE DE METRALHADORA E DOS ATIRADORES

1. — Pausas de fogo

metralhadoras só temporariamente tomam
 no combate pelo fogo propriamente dito,
 ão obstante se devem manter por muito
 debaixo do fogo inimigo, afim de pode-
 ntervir sempre nos momentos decisivos.
 a metralhadora não tem escudo, os seus
 tes têm que saber arranjar despressa e
 egurança um abrigo mediante coberturas
 ra e devem ser especialmente instruidos
 eparação de taes coberturas. A melhor
 ra é a que é menos visivel, porque não
 e o fogo inimigo, mas a cobertura deve,
 a, ser tão alta e resistente que possa abri-
 erfeitamente os atiradores do fogo de in-
 a.

tem tanta importancia o abrigo contra
 o de artilharia, porque este é tão gran-
 distancias e contra um alvo tão pequeno
 o que offerece a metralhadora, pouco ou

mesmo nada acerta, principalmente se os ati-
 radores, abrigados completamente, estão subtra-
 hidos ás vistas.

A preparação de taes coberturas constituirá
 a occupação principal dos atiradores nas pausas
 de fogo. Os atiradores 1, 4 e 5 é que devem
 fazer esses trabalhos. Os atiradores 2 e 3 se
 occupam em pôr em ordem a metralhadora,
 limpá-la, lubrificá-la; examinam o bloco de sobre-
 salente, mudam o cano e completam a provisão
 de agua.

Deve-se sempre tratar de trazer nova munição
 e mais agua e mandar para a retaguarda as cá-
 xas vazias de munição, fitas, vasilhas d'agua, etc.

2. — Deveres dos diversos atiradores

Chefe da metralhadora e apontador (atirador 2)

O serviço do chefe da metralhadora e do
 apontador consiste em cumprir os commands
 feitos durante o tiro; isso os occupa inteira-
 mente, não lhes deixa nenhum tempo para outro
 trabalho. Todos os outros serviços na posição de
 fogo, como transmissão de ordens e signaes,
 etc., devem ser desempenhados pelos outros ati-
 radores.

Se a metralhadora é conduzida por partes
 separadas (Hombro conduzir. Nota do Trad.),
 o atirador 2 leva a metralhadora debaixo do
 braço ou no hombro; ao se deitar, colloca-a ao
 seu lado ou a conserva no braço. No avanço
 por lances, o chefe da metralhadora auxilia o
 transporte, segurando a perna anterior esquerda
 á voz «Mudar de posição!», e á voz «Por lan-
 ce! — Arriba! — Marche-marche!» lança-se para
 a frente com os atiradores 2 e 3; o atirador
 3 segura a perna anterior direita e o 2 as
 extremidades das pernas posteriores. A' voz «Mu-
 dar de posição!» descarrega-se a metralhadora,
 as pernas são collocadas horizontalmente e guar-
 dam-se as fitas todas, se não se tiver de leval-
 as para as viaturas em virtude de ordem espe-
 cial. O chefe da metralhadora é responsavel
 pelo material e deve cuidar que nada fique na
 posição que se vae deixar.

A metralhadora é em geral conduzida quer
 pelos atiradores 2 e 3 com auxilio da cinta de
 transporte, montada na padiola, quer separa-
 damente. Só é conduzida arrastada quando já
 no fim da approximação se manda «Em posi-
 ção rastejando!» e então sem a cinta. Os atira-
 dores 2 e 3 seguem de frente as pernas dian-
 teiras collocadas horizontalmente e arrastam a
 metralhadora para adiante, recuando.

O chefe da metralhadora, quando se carrega
 nova fita, pode elle mesmo fixar o freio de
 direcção, puxar a fita e soltar depois nova-
 mente o freio, para não se perder tempo.

Atirador 1

O atirador 1, logo no começo do tiro, enterra
 o tubo do vapor no chão e cobre-o com terra
 solta; humedece o solo para diminuir o despen-
 dimento de vapor. Se o buraco escavado já
 não é sufficiente para esconder o despendi-
 mento de vapor, o atirador 1 deve já ter cavado
 outro a tempo, ou então pode mergulhar o
 tubo em uma vasilha com agua.

Na continuação do combate o atirador 1 fica
 deitado atraz do apontador e do chefe da me-
 tralhadora, de maneira que possa focal-os e com-
 municar-lhes as ordens sobre o fogo de forma
 que sejam entendidas.

O atirador 1 é responsavel pela transmissão

s. ordens sobre o fogo ao chefe da metralhadora e apontador, de maneira que estes as entendam. Levantando a mão elle deve accusar o atirador 5, que está deitado junto ao commandante da secção, toda a ordem recebida.

Atirador 3

O atirador 3 durante o tiro chama a attenção do apontador quando chega a occasião de carregar nova fita, dizendo «A fita acabou!». Elle ajuda a passagem da fita de maneira que a metralhadora seja o mais possível alliviada desse trabalho. A fita deve correr perpendicularmente a direcção do tiro, pois do contrario as longas minas facilmente ficarão presas no alimentador. O atirador 3 não deve tambem manter a fita demasiado alta, e sim fazer a alimentação o mais possível de baixo para cima.

Cumpra-lhe observar durante o tiro as latinas e endireita-las a tempo quando estiverem tortas, assim como acertar os cartuchos se estiverem mal collocados na fita.

Depois de cerca de 1000 tiros, o atirador deve pôr agua no refrigerante. Se o chefe da metralhadora não dê ordem para isso, o atirador 3 deve chamar a attenção d'elle. Tanto quanto possível, as duas metralhadoras de uma secção não devem encher d'agua o refrigerante ao mesmo tempo. Quando se põe agua, o atirador só deve abrir o orificio de carga depois que o vapor tiver sahido pelo respectivo tubo, e não houver mais, portanto, nenhuma pressão no refrigerante. Se elle desatarrachar o tampo rosado antes de tempo, ficará com o rosto respingado de agua quente. Depois de sahír o vapor, o contrario, a agua não esguichará com tanta força que chegue a offender o atirador. A' voz «Mudar de posição!», o atirador 3 retira a fita do alimentador e a colloca na caixa; depois, juntamente com o chefe da metralhadora, põe as pernas na horizontal e á voz «Por lan- çar! — Arriba! — Marche-marche!» lança-se para a frente segurando a perna direita. Se a metralhadora é transportada separada da padiola, elle conduz esta ultima ás costas. E' permitido transportar tambem de qualquer outra maneira.

Atirador 4

O atirador 4 é o homem de sobressalente. Elle foge corre para onde tenha sido ferido ou morto um atirador e o substitue no serviço. Além disso elle ajuda onde fôr preciso. Elle fica um pouco de parte, coberto quanto possível e deve observar com toda a attenção a sua metralhadora para ver quando e onde é preciso ajudar. Elle cuida ainda do remuniamento e do suprimento d'agua; empurra a tempo para o atirador 3 caixas cheias e recolhe as caixas vazias.

Atirador 5

Junto ao commandante da secção ficam dous atiradores n.º 5. Um observa constantemente o commandante da companhia e os homens que estão proximos d'elle. Elle transmite immediatamente ao commandante da secção qualquer signal que diga respeito á sua secção e avisa ao commandante da companhia que o da secção recebeu e entendeu a ordem.

O outro atirador 5 transmite ás suas duas metralhadoras as ordens do commandante da secção. O official grita para o atirador 5, que está deitado perto d'elle, as ordens e o atirador immediatamente por meio de signaes as trans-

mitte. O official não pode occupar-se com a execução das suas ordens, porque tem de estar observando com o binoculo e deve por isso confiar-se completamente nos seus atiradores. Os dous atiradores junto ao commandante da companhia.

Estes transmitem todos os commands e ordens ás secções e são responsaveis pelo recebimento e exacta comprehensão dos signaes, etc., por parte dellas. Elles devem participar ao commandante da companhia que uma determinada ordem foi recebida pela secção ou metralhadora a que se destinava.

Telemetrista

O atirador telemetrista observa antes e durante o combate o terreno em frente, mede as distancias de morros e pontos do terreno e participa ao commandante da companhia as medições feitas. Convem muito que este atirador faça um rapido *croquis* com a indicação das distancias medidas. Os objectivos que surgem devem ser immediatamente assignalados ao commandante da companhia e depois medida a sua distancia.

Nas medições, de par com a rapidez, vem em primeira linha a exactidão e a segurança. Uma distancia mal medida pode produzir o completo insuccesso do tiro e é preferivel, portanto, levar um pouco mais de tempo a fazer a medição e operar com mais exactidão.

Durante o fogo o atirador observa constantemente o objectivo, examina se nelle se produzem alterações, se o inimigo soffre perdas, se os pontos de chegada estão bem situados, etc. Todas as observações elle as comunica ao commandante da companhia. D'ahi se conclue que o telemetrista deve estar tão perto quanto possível do commandante da companhia.

Prescripções geraes

Todos os atiradores devem executar e comprehender correctamente os signaes para a direcção do fogo. Para significar que entenda uma ordem, todo o atirador faz signal com a mão levantando-a um pouco.

3. — Signaes para a direcção do fogo

Durante o fogo, para transmittir ás metralhadoras as ordens necessarias á direcção do fogo, é preciso empregar signaes, feitos com o braço, porque com o estrondo das 6 metralhadoras ouvindo as vozes não são ouvidas, os trilos e apito não dominam o ruido e porque, além disso, a transmissão verbal das ordens por mensageiros não se pode realizar sob o fogo do inimigo, pois em primeiro logar o movimento na linha denunciaria a posição ao inimigo, e em segundo logar homens meio levantados estariam muito expostos.

Os signaes são os seguintes:

1. — *Apontar com o braço e indicador estendido* para uma secção ou metralhadora, significa que o signal que se vai fazer em seguida é dirigido para essa secção ou metralhadora.

2. — *«50!»* — Ante-braço para cima em angulo recto com o braço; mão aberta com os dedos separados.

3. — *«100!»* — Repetir o signal anterior, de preferencia com o outro braço.

4. — *«Mais alto!»* «*Mais curto!*» — Movimento energico para cima, ou para baixo, do braço estendido na direcção da secção ou metralhadora a quem se dirige o signal.

5. — *«Mais á direita!»* «*Mais á esquerda!*» — Apontar para a metralhadora que deve executar

a ordem e movimento energico do braço para direita ou esquerda.

— «Fogo com mais profundidade!» — Repetir giros do punho fechado.

— «Cessar fogo!» — Levantar o braço estendido como prevenção. Para execução, baixar enérgicamente o braço.

— «Cruzar fogo!» — Para indicar as duas metralhadoras ou secções que devem cruzar o fogo, apontar para ellas com o braço e indicador estendidos; cruzar em seguida os ante-braços na frente do peito, com as mãos estendidas.

— «Bater o mesmo sector!» — Apontar com braço e indicador estendidos para uma secção metralhadora e depois com a mão indicar a secção ou metralhadora, significa que esta deve ajudar a primeira batendo o mesmo sector.

1. — «1 volta!» — Mostrar 1 dedo e depois punho fechado, girando este.

2. — «2 voltas!» — Mostrar 2 dedos e depois punho fechado, girando este.

3. — «Entendido!» — Breve signal com a mão estendida.

Para o chefe da metralhadora todos estes sinais são ordens que devem ser executadas, se já por iniciativa propria não tomou as medidas correspondentes. Para o commandante de companhia, ao contrario, só o signal «Cruzar fogo!» é uma ordem, que deve ser executada immediatamente. Todos os outros signaes, do commandante de companhia para o da secção, durante o tiro, não são mais do que indicações, significando apenas, para o commandante da secção, o que a companhia observou e o que elle aconselha a secção. Pelo seu lado, o commandante de secção do ponto em que está pode julgar o melhor se os seus dous feixes estão dirigidos ou não; elle deve conservar a sua actividade e por isso é que os commandantes de companhia, em cada caso particular, devem julgar por si mesmos se convem ou não obedecer ao signal. Por exemplo: um commandante de companhia observa que os seus feixes estão muito baixos e faz signal aos seus chefes de metralhadora «mais curto!» Ao mesmo tempo chega ao commandante da companhia «mais alto!» Se o commandante da secção obedecer ao signal, os feixes tornar-se-ão então evidentemente curtos. Em cada caso, portanto, compete ao commandante da secção decidir.

na margem

Ao R. T. A.

Dez o art. 29 que em condições favoráveis se pôde contar com effeito incerto de qualquer dos projectis, e escusos n'esse artigo, sempre que pretendemos obter effeitos d'essa natureza, preferiamos de preferencia a gr., economizando o sh., por nos parecer que nunca será de mais para atirar contra a metralharia; errariamos, porém, como se achando da leitura do art. 480 do R. T. A., in-fine; mas é evidente que as afirmações dos dois artigos cita-

dos ha uma ligeira contradicção que convem corrigir (1).

O art. 60 nos diz o que seja um tiro junto ao alvo e, á vista do art. 59, para que tal observação possa ser feita é necessario em geral que tenha havido arrebetamento por percussão, ou tão baixos que se possa referir ao objectivo a nuvem de fumo no momento da sua produção (arrebetamentos observaveis): em geral, diz o art. 59, e isso porque pôde haver excepção, como por exemplo ás pequenas distancias, em que quasi sempre são observaveis arrebetamentos de altura normal e muitas vezes até os altos.

Podendo, pois, observar-se um tiro junto ao objectivo com arrebetamento em percussão ou em tempo, a annotação j não deveria servir apenas para registrar a observação quando o arrebetamento fosse em tempo; deveria sim, servir o j para annotação de tiro percutente junto ao alvo, e quando no tiro junto ao alvo o arrebetamento fosse em tempo, conviria fosse a observação registrada em forma de fracção com traço obliquo: no numerador j, no denominador a observação sobre a altura de arrebetamento que em geral seria b e excepcionalmente n (2). E não conviria que, por querer simplificar, se adoptasse a annotação j, simplesmente, para registrar indifferente-mente os tiros percutentes ou em tempo observados junto ao alvo, e isso porque em muitos casos, pela leitura apenas do boletim não se poderia julgar da conducção do tiro. Assim, em tiro de tempo, si o cdte. da bateria tivesse obtido com o corrector do garfo um tiro junto ao alvo, andaria bem entrando no tiro de efficacia de accordo com o art. 107, mas si o tiro observado junto ao alvo tivesse arrebetado em percussão, andaria então mal o capitão entrando na efficacia, visto lhe faltar determinar o corrector para dar por terminada a regulação do tiro: por ahi se vê que com um simples j não se pôde julgar da conducção do tiro (3).

Objectar-nos-ão que existe para o caso de tiros percutentes a annotação p+ ou p- que pôde servir para registrar a observação de tiro percutente junto ao

(1) N. da R. — Tem razão, evidentemente.

(2) N. da R. — Não ha duvida que seria uma solução. Mas a do R. T. tambem o é.

(3) N. da R. — Póde-se. Porque pelo R. T. A. a notação j indica arrebetamento no ar.

4); quer-nos parecer, entretanto, que a anotação não é bastante expressiva o caso, além de que póde ter outra interpretação.

E é um tiro $p +$ ou $p -$? O R. T. A. explica, mas póde-se chegar a uma conclusão pela leitura do art. 107, e essa conclusão é a de que tiro $p +$ ou $p -$ é aquele cuja distancia ao objectivo é maior do que o garfo que se pretenda atingir (5). É assim, si na determinação da distancia em tiro percutente se observar o tiro $p +$ ou $p -$, isso significa que o rebentamento se deu a menos de 50 metros do objectivo, aquem ou além, mas não ter sido observado junto ao alvo. Pela vista do art. 107 quer-nos parecer, em, que não ha razão para que a anotação $p +$ ou $p -$ seja reservada apenas para o tiro em percussão, como é a o R. T. A. (6)

Capitão Gerpe.

M. da R. — O tiro percutente que dá rebentamento primeiro na frente (atraz) do objectivo e logo depois atraz (na frente) será $p +$ ou $p -$, não no objectivo, anotação —

N. da R. — Deve-se deprehender do R. T. A. que tiro pouco longo ou pouco curto é aquele que rebenta a uma distancia que justifique uma reacção de alça menos forte do que de reacção contraria do que conclue o autor do interessante estudo: distancia pouco maior que a distancia do garfo procurado.

Não fosse assim ob boletins de tiro teriam que vir cheios de $p +$ e $p -$, porque a notação teria que ser sempre applicada aos tiros que dessem o garfo.

N. da R. — Tem razão.

Regulamentos militares

Nesta ultima hora somos informados que de uma conferencia realisada entre o Marechal Bento Ribeiro, Chefe do E. M. E. e o General M. de Azevedo, Chefe da M. M. F., resultou a nomeação de comissões, compostas de officiaes francezes e brasileiros, para completar e rever os nossos regulamentos taticos e organizar instrucções militares.

Os regulamentos projectados só serão applicados nas escolas, as quaes vão receber novo material. A tropa aguardará oportunidade para empregar os.

Alteração na redactoria

O Sr. major Lima e Silva, um dos mantenedores fundadores da revista e que desde Outubro ultimo occupava pela segunda vez um lugar entre os redactores effectivos, deu sua exoneração, com grande pesar para seus companheiros da redactoria.

Motivou essa resolução a impossibilidade de harmonizar elle seu muito affazer na tropa com os serviços avolumados e crescentes da revista, que pelos estatutos cabem aos redactores.

Seu substituto previsto, capitão Euclides de Oliveira Figueiredo, assumiu o lugar. — *Klinger*

Bibliographia

Recebemos as seguintes publicações:

Patria, órgão do círculo dos Officiaes Reformados do Exercito e da Armada, n.ºs 6 e 7.

Do sumario: Pela Garantia do Soldo — Benjamin Constant — Commando em Chefe do Exercito contra o Dictador do Paraguay — O planalto da Guayana — Historia Militar do Brazil.

Revista dos Militares, n.ºs 111 e 112 de Setembro e Outubro de 1919. — *Do sumario:* Orçamento do M. G. — Nossas fronteiras proprias de estrangeiros — A nossa cavallaria no Paraguay — Notas sobre a inf.ª allemã — O tempo de serviço — A crise de sargentos — A tactica das metralhadoras — Noções de hygiene.

Hoje, Rio, n.ºs 43 a 46.

Do sumario: O capital, empreiteiro de greves — A nova consciencia fiscal do paiz, a audacia reformadora do Governo de Minas — Um doutrinador da Republica — O Rio Grande do Sul, sentinella da democracia tributaria, desagraa o ministro da Fazenda — Lorena, ponto de baldeação politica entre S. Paulo e Belo Horizonte... — A evolução ferro-viaria do Brazil, parallela á evolução economica — Um «profiteur» da paz.

Memorial de Infantaria, Madrid, n.º 95, de Dezembro de 1919.

Revista Maritima Brasileira — Rio, n.ºs 5 e 6 de Nov. e Dez. de 1919.

Do sumario: Guerra da Secessão — Quando perdemos o dominio maritimo — Observações sobre a estrategia Naval da «Grand Fleet» — Radiogoniometria — Principaes portos do mundo — Navegação interlitoranea da bahia de Guanabara.

Memorial del Estado Mayor del Ejército — Colombia, Bogotá, n.º 88, de Out. de 1919. — Campanha del Sur del General don Antonio Nariño, 1813-1814.

Medicina Militar, Rio, n.º 5, de Nov. de 1919. — *Do sumario:* Directrizes para a organização d'un serviço de saúde em campanha.

Memorial del Ejército de Chile, Santiago de Chile, Janeiro de 1920.

Do sumario: Fortificaciones — Critica da batalha de Pazo Almonte — Fotografia aeromarina — Objecto de los cursos militares de gimnasia — La utilizacion de los rayos infra-rojos en radiotelegrafia — Aviaçion.

Boletim do Directorio Central da Liga de Defesa Nacional, n.º 6, de Dezembro de 1919.

A

N.

PARTE

N

ão póde

uição d

coame

oberana

Infeliz

Marinh

uncto ad

essidade

em-se co

or faze

reoccupa

orte que

os faltan

em orio

nito ao

N'esse

os Mine